



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PATRÍCIA GUEDES MENEZES

(entrevista)

Fortaleza, CE

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em julho de 2019, em Fortaleza (CE). Da esquerda para a direita: Patrícia Guedes Menezes e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-914

Nome da entrevistada: Patrícia Guedes Menezes.

Local da entrevista: Fortaleza (CE).

Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 19/07/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 02 horas, 36 minutos e 02 segundos.

Páginas Digitadas: 58.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: MENEZES, Patrícia Guedes. Entrevista concedida por Patrícia Guedes Menezes ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, FORTALEZA (CE), 19 jul. 2019, 61p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Cearense de Futebol de Salão e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Fortaleza (CE), 19 de julho de 2019. Entrevista com Patrícia Guedes Menezes (P.M.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Patrícia Guedes, árbitra CBFS, Fortaleza, dia 19 de julho, às quinze horas e vinte e seis minutos. Boa tarde, Patrícia.

P.M. – Boa tarde.

M.L. – Teu nome completo?

P.M. – Patrícia Guedes Menezes.

M.L. – Data de nascimento?

P.M. – 16 de maio de 1983.

M.L. – Onde nasceu?

P.M. – Fortaleza, Ceará.

M.L. – Qual a tua escolaridade?

P.M. – Eu tenho superior completo. Licenciatura Plena em Educação Física e Especialização em Gestão Escolar e em Treinamento Esportivo.

M.L. – Profissão?

P.M. – Eu sou servidora pública, professora de Educação Física, do município de Fortaleza.

M.L. – Patrícia, gostaria que você me contasse como foi a sua infância e a sua relação com o esporte.

P.M. – Eu cresci no meio do esporte. Eu cedo brincava de bola na rua. Na frente da minha casa tinha uma quadra e um campo de futebol, então quando os homens chegavam para jogar no campo, a gente tinha que sair do campo e ia prá quadra e jogava basquete na quadra, jogava vôlei, jogava futsal e na escola eu sempre participei das equipes de handebol. Na época não tinha o futebol feminino ainda, né, como competição. E eu cresci no meio do esporte. Quando, não sei se já é outra pergunta já mais prá frente, mas assim, eu aprendi jogar bola na rua com os meninos. Como na escola não tinha futsal, eu jogava handebol na escola. Então, por competição escolar, nunca cheguei a jogar futsal. Já na *universidade*, que já tinha, aí já tinha competições, né, aí na universidade eu joguei futsal.

M.L. – Tu lembra com que idade começou essa prática, esse envolvimento com o esporte? De jogar bola na rua, de...

P.M. – Ah, minha mãe falou que desde os quatro anos eu já corria atrás de bola, porque eu sou a caçula de cinco filhos, daí o meu irmão mais próximo é um homem, né? As meninas já são um pouco mais velhas e não queriam muito dá importância, daí eu colava no irmão mais novo e ia jogar bola com ele [riso]. Então desde muito pequena mesmo. Desde criança mesmo sempre gostei de jogar bola, independente da modalidade, mas o futebol predominava, né? Foi bola, tava no meio.

M.L. – Você é filha de mais quatro irmãos?

P.M. – Isso.

M.L. – Quantos homens e quantas mulheres?

P.M. – Dois homens e três mulheres ao todo, comigo, né? Tenho dois irmãos e duas irmãs.

M.L. – O que a sua família achava desse seu envolvimento com o esporte? Não importava qual modalidade, você estava sempre inserida no meio esportivo.

P.M. – Então, assim, a minha mãe de vez em quando reclamava, né? Ficava preocupada, mas o meu pai, ele sempre deu muita liberdade e assim, ele sempre deixou com que nós

filhos, tomássemos as nossas decisões. Sabe aquela liberdade vigiada? Então. E assim, prá ele sempre foi uma forma também de manter os filhos se exercitando numa atividade saudável, né? Ele sempre viu... Meu pai sempre foi muito preocupado com a questão do egoísmo, do individualismo, então na cabeça dele o esporte era bom para isso, porque eu tinha que conviver com outras pessoas e não ia dar muito espaço de chegar em casa e tá sendo egoísta com os irmãos, né? A preocupação dele era, em casa, não ter confusão quando ele chegasse [riso].

M.L. – E assim, como era esporte coletivo, o trato com o outro, o partilhar, a vivência harmoniosa era algo imprescindível, né?

P.M. – *Exatamente!* Exatamente.

M.L. – Patrícia, como é que o futsal começa a fazer parte da tua vida? Você relatou que foi na faculdade... Como é que foi essa inserção, no ambiente acadêmico, de jogar futsal?

P.M. – Pronto. Na verdade, o que acontece? Como eu disse antes, eu nunca joguei o futsal na escola. Eu jogava handebol na escola - agora eu lembrei aqui. É... Eu acho que com dez anos - acho até que eu tenho foto - com dez anos, eu joguei na equipe adulta, mas era futebol de campo e eu jogava bem, rapaz. *Jogava bem!* E aí dessa, dessa oportunidade que eu tive de jogar futebol de campo, foi que eu fui, de fato, aperfeiçoando, né? Aí quando eu fui fazer faculdade em Mossoró... Quando eu fui fazer faculdade em Mossoró, eu encontrei algumas amigas que jogavam futebol de campo, naquela época, que também estavam na faculdade. Aí acabou que a gente se encontrou e fomos montar a equipe e aí foi quando eu, de fato, fui me dedicar ao futsal, né? Mais assim, brincava na rua, mas não como forma de esporte de rendimento, né? Assim, de competição mesmo. De fato assim... Quando eu vim prá faculdade mesmo, foi que o futsal entrou na minha vida.

M.L. – Sua graduação foi concluída em qual universidade?

P.M. – Na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, na UERN, em Mossoró.

M.L. – E a pós?

P.M. – A pós eu fiz pela FVJ, do Rio, a minha de Treinamento, e a de Gestão Escolar, eu fiz aqui em Fortaleza, mas em parceria com a Tecnológica do Tocantins.

M.L. – Você acompanha algum esporte ou acompanha o futsal regularmente?

P.M. – Assim... Esporte, prá quem é amante do esporte, acompanha todos, né? Eu gosto muito de assistir os programas esportivos. Quando eu tô em casa de bobeira, é nos canais de esporte prá assistir o que tiver passando, mas eu gosto de acompanhar o handebol, principalmente se a Seleção Brasileira de Handebol estiver jogando - que é um esporte que eu também sou apaixonada [riso] - gosto de acompanhar qualquer um. Aí assim, agora com a internet fica tudo mais fácil, né? Então eu tô vendo jogos femininos, quando dá tempo eu assisto a Liga Nacional, a masculina e segue. Não tem assim, um específico, que eu... Futebol é comum, porque quando você liga a TV sempre tá passando, né? Mas não tem assim, uma modalidade que eu fique ali ligada, que eu pare o mundo prá... Não! Eu acompanho tudo no geral. Nada que...

M.L. – Frequenta ginásios, estádios?

P.M. – Eu torço pro Ceará, né? Então, sempre que dá, eu vou assistir jogo do Ceará. Agora que tá na Série A... Já tem dois anos, né? E sempre que dá eu gosto de ir. Às vezes, é complicado, porque dependendo do jogo, é muita gente e tudo, mas eu gosto de ir ao estádio. Aqui em Fortaleza, quando eu não vou apitar, eu só vou assistir jogo se for um dos meninos CBFS que vai trabalhar, Marcos Brigdo, Alexsandro... Aí eu confesso que ainda saio e do Campeonato adulto... Muito difícil eu ir a campeonato de base, sabe? Só quando o jogo é muito bom. Tipo: “Esse jogo vai ser bom.” Aí eu vou, mas dificilmente saio de casa prá: “Hoje eu quero assistir futsal”. Aí digo: “Vou lá”. Até porque a gente passa o dia... Eu trabalho com escola, né? Quando eu chego em casa, no final do dia, eu chego *tão cansada*, que assim, *quando* arranjo energia, eu prefiro sair prá correr, prá fazer alguma coisa que... Mais assim, especial não tem, sabe? “Ah, eu vou... Ah, eu gosto...” Não! Já gostei mais, sabe Dôra? Eu até confesso prá você que assim... Eu costumo dizer pros meus amigos, que eu já tô numa curva decrescente em relação à arbitragem, porque assim, eu já fui muito empolgada, já gostei, gostei, gostei, mas, infelizmente, eu não tive muito apoio, sabe? Muito incentivo da minha Federação, do Diretor de Arbitragem prá apostar em mim.

Então quando eu achei que eu tava bem fisicamente, bem tecnicamente, que podia arriscar e tudo... Sabe? Eles não apostaram. Aí agora também eu já tô assim, mais para parar do que mesmo para querer continuar. E agora é que tão *querendo*, sabe? Dá as oportunidades, mas eu confesso que o meu interesse já tá diminuindo. Assim, as prioridades vão se transformando, né? E aí eu já não sei se hoje a minha prioridade ainda é ser árbitra de futsal.

M.L. – São situações que me deixam preocupada enquanto pessoa da arbitragem, porque essa tua fala não é só a fala de Patrícia. As pessoas com as quais conversei, que foram elencadas para essa pesquisa, têm essa mesma fala de desagrado, de que a paixão já chegou ao cume e que agora está numa curva descendente, não mais ascendente, né?

P.M. – *Exatamente!* É isso mesmo. E assim, eu fico muito triste, porque não é vaidade, sabe? Mas assim, eu tinha muito prá ter crescido mais, sabe? Prá ter me destacado mais, mas infelizmente aqui na Federação Cearense... Eu sinto muito essa dificuldade. Alane... Você conversou com Alane... Alane, prá ela vir fazer jogo adulto aqui, teve que passar... Não sei se ela comentou isso com você, mas Alane teve que passar alguns dias em São Paulo, Pomeroy pagando tudo, prá quando voltasse... Aí eles: “Não! Vamos botar! Alane apitou Liga Paulista...” E daí foi escolhida a melhor árbitra, numa época em que ela tava realmente apitando muito... Ela *apita muito*, né? Então assim, prá nós - eu acho até que não é uma realidade isolada, é uma realidade em todo o Brasil - essa dificuldade de incentivo, de acreditar no trabalho da arbitragem feminina... Tamo aí. Vamos caminhando aí...

M.L. – A gente vai levando...

P.M. – É.

M.L. – Patrícia, além do futsal que você jogou a nível universitário, praticou algum outro esporte? Jogou por alguma agremiação ou clube que não tenha sido a faculdade?

P.M. – Ah, então, eu joguei handebol, joguei basquete por clubes aqui de Fortaleza. Cheguei a ser campeã cearense e tal, mas assim Dôra, eu desde pequena... Engraçado, uma pessoa com dez anos, eu disse que eu queria ser professora de Educação Física. Eu nunca

quis ser jogadora profissional, nunca. Inclusive nessa mesma época que eu jogava futebol de campo, eu recebi um convite prá ir pro Fluminense do Rio, bem na época quando o clube começou a apostar na Milene Domingos, a ex-mulher lá do Ronaldinho e tal. O meu time, em que eu jogava futebol, fez uma pré-eliminatória do time profissional da cidade e aí tinha uns caras lá, uns olheiros, que foram olhar os rapazes, e me viram jogando e o cara lá ficou *louco* e queria porque queria me levar e meu pai: “Não! Você é doido? Minha caçula de dez anos...” Então assim, dali meu pai já barrou e ele perguntou se eu queria e eu disse: “Não! Eu quero ser professora de Educação Física”. E eu cresci com isso na minha cabeça. Então assim, é... Ser atleta... Eu sou muito grata ao esporte. Muito do que eu sou hoje, da minha personalidade, das coisas que eu já conquistei, foi muito por conta do esporte, mas assim, eu nunca... Nunca foi um desejo meu: “Ah, vou ser jogadora da Seleção Brasileira”. Nunca quis! Então assim, convites surgiram, né? Até mesmo quando eu fazia faculdade surgiram convites prá jogar futsal por equipes, tipo, Nacional Gás, aqui de Fortaleza, e que hoje é UNIFOR¹, apenas UNIFOR, mas eu nunca quis, porque assim: “Ah, eu quero ser é professora. Eu não quero...” Eu ia ter que trancar faculdade, prá vir prá cá e tal. Então assim, eu realmente nunca quis ser atleta profissional. Jogo até hoje. Hoje eu jogo na equipe *master* de handebol, mas assim... Na época, na minha época, até que eu entrei na faculdade com dezoito anos, então ali, dos meus dez, onze anos até os dezessete prá dezoito, eu joguei por clubes de handebol e basquete; o futsal, é como falei, só na faculdade que eu fui disputar JUB’s². Joguei seis JUB’s e os Jogos Estaduais, né? Que a gente... Que eram os JURN’s, Jogos Universitários do Rio Grande do Norte, e aí os campeões iam para os JUB’s e tal. A minha trajetória foi essa.

M.L. – Lembra de alguma equipe ou equipes pelas quais foi campeã? Pelo basquete, pelo handebol?

P.M. – Então, eu joguei basquete pelo Clube do Diários e joguei pelo Náutico. Pelo Diários, eu não cheguei a ganhar nenhum campeonato, mas pelo Náutico eu ganhei. Handebol eu joguei pelo Diários. O handebol já foram mais equipes. Joguei pela escola em si, pelo Diários, pelo José Valter Ramos que fui campeã cearense, joguei uma competição

¹ Universidade de Fortaleza.

² Jogos Universitários Brasileiros.

pela UNIFOR³, joguei pelo Ferroviário. Handebol já foi mais movimentado o negócio [riso], mas assim, nada de muita expressão, nada de... Só competições locais.

M.L. – A meta não era ser atleta, era ser professora...

P.M. – É. Exatamente. É tanto que depois que eu me formei, eu já voltei como treinadora, né? Aí já participei de várias competições, Campeonato Brasileiro, como *treinadora!* Novinha ainda. E agora, já depois de velha [riso], já agora, eu tinha o quê? Tinha trinta e um anos, aí umas amigas mais velhas que *eram* minhas atletas, resolveram montar a equipe master e aí elas ficavam perturbando: “A gente só bota time, se botar duas trinta e um...” Aí foi subindo e até... Hoje eu tô com trinta e seis, né? Mas assim, elas foram subindo, aí toda competição tinha que liberar prá duas trinta e um, depois duas trinta e dois, que sou eu e a minha outra amiga, né? Então assim... E também o povo dizia: “Rapaz, vai jogar adulto!” Eu dizia: “Mas...” Não queria mais, porque assim, não tinha mais tempo para treinar bem fisicamente, prá tá correndo com as novinhas [riso]... Eu preferia jogar com as mais velhinhas, mais lentas, mais gordinhas [risos]. Acho que foi isso assim.

M.L. – Até porque a exigência física é menor, né?

P.M. – É. Exato.

M.L. – Quadra quarenta por vinte, prá você tá prá lá e prá cá, não é mole não!

P.M. – Não, é não. Aí futsal hoje, eu jogo os Jogos dos Servidores que nós temos um time das professoras, que na verdade, já tem quatro anos que a gente participa e todo ano o nosso time é campeão. Que também chega a ser covardia, porque é só professora de Educação Física e tudo ex-atleta de... Tudo ex-atleta de alguma coisa. A maioria de futsal. Então... A Madê, é a goleira, prá você ter uma ideia.

M.L. – Madê é goleira?

³ Universidade de Fortaleza.

P.M. – É goleira. E aí, assim, é muito legal, porque todo ano as outras secretarias, elas têm se preparado mais prá bater o time da SME, que é a Secretaria Municipal de Educação. Somos a equipe tetracampeã. É uma graça. Mas o que realmente vale, são os momentos de interação, sabe? A gente ficar lembrando ali, participar daquele ambiente que foi toda a nossa adolescência, né? De competição, de tá... Apesar que, como eu disse, futsal já entrou prá mim já depois de velha [riso]; essa parte de competição, né? Eu só brincava.

M.L. – Patrícia, quem foram os treinadores ou treinadoras que marcaram essa sua trajetória enquanto atleta?

P.M. – Então, o *principal* deles, foi João Eudes, porque assim, eu sou daqui de Fortaleza, mas aí quando eu tinha uns quatro anos mais ou menos, a minha família foi embora morar em Mossoró; então eu cresci em Mossoró. Aí eu estudei em uma escola pública, em Mossoró, chamada Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana, e o professor de Educação Física de lá, que chama João Eudes, ele foi o meu primeiro professor de handebol. Ele era professor de handebol. Na verdade, ele era professor da minha irmã mais velha, só que como eu tinha que ficar com ela, quando ela ia treinar, ela me carregava. Daí eu chegava lá e ficava perturbando o juízo dele e tive que esperar até chegar na quinta série, que hoje é sexto ano, prá *começar* a treinar, né? No fundamental II, no caso, que na época era ginásio. E aí, quando eu comecei a ser atleta dele, que eu via como ele cuidava das equipes - ele treinava o masculino e o feminino - como ele era atencioso, como ele se preocupava, mas tudo com muito respeito, né? E aí eu disse: “Ah, não. Eu quero ser igual a esse cara aí. Eu quero ser professora”. Então às vezes eu brinco com ele e aí eu digo: “João, a culpa é tua, cara. A culpa de eu ser professora. Você devia não ter deixado, porque esse sofrimento...” Eu sempre encontro com ele quando vou a Mossoró. Então assim, ele foi o *grande* professor que me marcou. Hoje nós somos amigos ainda, e eu tenho muita gratidão por ele, porque ele foi meu grande incentivador, mesmo sem dizer uma palavra. Eu morei lá até meus catorze, meus treze anos, né? Aí depois vim prá Fortaleza. Quando eu cheguei aqui em Fortaleza, eu tive a professora Tereza Braga, que ela era professora da escola que eu estudei e lá nessa escola só tinha basquete e vôlei. Aliás, até tinha futsal nessa época. Eu fazia o primeiro ano do ensino médio, mas eu não gostei da equipe de futsal feminino, porque as meninas eram molecas demais, sabe? E eu era abestalhada ainda e eu não soube me entender bem com o assédio, sabe [riso]? E eu, muito bonitinha, muito

espertinha, jogava bem... As mulheres, olha, caíram em cima. Aí eu disse: “Ah, não, eu vou pro basquete”. Eu já jogava basquete também e aí eu fui pro basquete com a Tereza e a Tereza também hoje é... Já aposentada. Foi professora da... Ela me levou prá jogar no Náutico. Ela foi minha treinadora no Náutico e depois disso eu abandonei o basquete prá ir jogar handebol. Aí foi quando eu conheci o Júlio César, o terceiro treinador que eu conheci, além da Tereza, né? Ele foi e me levou prá jogar handebol, que eu sempre fui apaixonada, em uma escola perto da minha casa. E aí hoje o Júlio também é uma grande referência prá mim. Ele tá no Doutorado agora, em Fortaleza. É um dos nomes da Fisiologia, sabe? É um rapaz assim, um senhor, muito especial e que me incentivou muito quando eu voltei. Aí assim... Terminei o ensino médio aqui em Fortaleza, fui prá Mossoró passear e cheguei lá tavam os amigos todos se preparando para o vestibular. Aí: “Ah, vem fazer aqui que tu passa”. Aí eu: “Tá bom”. Fui e passei. Quando eu terminei a faculdade lá, que vim prá Fortaleza, eu disse: “Não, agora eu quero voltar prá casa”. Aí ele foi o primeiro que abriu as portas, sabe? Me puxou prá trabalhar com ele no BNB⁴ Clube. Trabalhei com ele ainda dois anos. Aí disse: “Ah, não, Júlio. Quero ir prá escola”. Aí foi quando eu passei no curso e fui prá educação física escolar e hoje eu não quero outra vida. *Adoro!* Me encontrei dentro da escola...

M.L. – Tu trabalhas em qual segmento?

P.M. – Eu trabalho com fundamental II. Esse ano eu tô dando aula prá sétimo, oitavo e nono.

M.L. – Trabalha com treinamento esportivo também?

P.M. – Não mais. Depois que eu comecei a trabalhar com escola, eu fiquei só com educação física escolar e agora eu tô me preparando prá ir prá gestão, gestão escolar, né? Eu quero ser diretora, já tá tudo certo [riso]. Assim, aí já é outro setor, né, mais como meta profissional, eu coloquei que eu iria ficar no máximo dez anos em sala de aula e depois eu iria prá gestão. Não chegou aos dez anos de sala ainda não, mas eu tô me organizando prá poder ir prá gestão, sabe? São objetivos porque eu acho que na gestão você consegue atingir mais pessoas, sabe? Assim, você não fica limitada apenas a sua sala de aula, àquelas

⁴ Banco do Nordeste do Brasil.

treze turmas, aqueles seiscentos meninos, né? Eu acho que como diretora escolar você tem uma obrigação muito maior de atingir *toda* a comunidade escolar.

M.L. – E até pensar ações mais efetivas e que englobem o grupo.

P.M. – É. Exatamente. E é isso que eu quero, sabe? Eu tenho o desejo de ir pra gestão não por status, não por salário... Não é nada disso. Meu objetivo é de mudar a realidade que a escola estiver inserida, sabe? Desenvolver ações que aquelas pessoas possam compreender que se não for através da educação, nada vai mudar.

M.L. – Patrícia, você enquanto atleta, jogava em qual posição?

P.M. – No futsal? Ah, então, tanto no futsal como no handebol, eu joguei de pivô. Eu era boa de bola, rapaz [riso]! Eu jogava na frente de pivô e no handebol, é uma posição que não aparece bem, mas até parece com a de futsal, e no basquete eu jogava de armadora. Mais baixinha, né? Eu jogava na armação. No vôlei, quando eu me arrisquei a jogar, eu jogava de levantadora, porque também... Mas assim, a minha posição... Hoje futsal tá mais moderno. Acaba que você joga em todas as posições. Uma hora você tá no pivô, outra hora você tá na ala e tal, mas no nosso tempo que era um pouco mais engessado o negócio, eu jogava de pivô.

M.L. – E como a família reage a Patrícia atleta, disputando campeonatos?

P.M. – Então, minha família sempre foi a minha grande incentivadora, né? Chegava até ser cômico, porque eu ia jogar e iam meus pais, meus irmãos, os amigos dos irmãos e era uma zoadinha grande no ginásio. Assim, realmente, era uma festa muito boa. Era o momento que os meus pais, eles sempre que podiam, eles se faziam presentes. Então eu, particularmente, eu era... eu não tenho do que reclamar. Sempre tive uma família muito presente. Meus pais sempre incentivaram, sempre tiveram ali de olho, né? Mas assim, hoje eles ainda *adoram!* Você precisa ver quando eu vou pra esses Jogos dos Servidores. Nossa! Final, então! Eu tenho onze sobrinhos, quando coincide de todos estarem aqui - o mais velho tem dezenove, ele mora em Mossoró, praticamente nunca vem - mas os outros dois, de dezoito, vai descendo, né? Dezenove, dezoito, dezoito, quinze, catorze, doze, onze, dez, oito, seis

[riso], vai descendo a escadinha... e aí, quando eles estão aqui... Menina, é aquela gritaria, sabe? Eles *adoram* quando eu chego com medalha, que mostro... Eles adoram assim. Ainda hoje, eu posso dizer até, que eles têm o maior orgulho, sabe? Os meus irmãos aonde chegam: “Minha irmã é árbitra. Minha irmã é árbitra CBFS e joga bola também”. Meu irmão mais velho, ele não gosta de futebol, ele sempre gostou de velocidade, então... Quando eu chego lá, que eu vou visitar ele, que ele mora em Mossoró, e aí ele diz pros amigos dele: “Olha, minha irmã joga bola melhor do que vocês tudinho”. É desse jeito. Minha família sempre reagiu muito bem. A minha mãe... Eu tenho um problema de audição, né? Aí a minha mãe dizia que o meu problema no ouvido é justamente de tanto que ela puxava minhas orelhas prá ir prá casa [risos]. Porque ela chegava e ia me buscar no campo: “Venha simhora prá casa”. Aí puxava pela orelha, mas assim, eu não tenho o que reclamar de falta de apoio, de dizer que *dentro de casa* eu sofri *preconceito*, que... Não! Sempre foram muito de boa. Tinha aqueles medos, né? Mas sempre respeitaram.

M.L. – Você disse que dentro de casa nunca teve nenhuma reação preconceituosa quanto a tua escolha em estar no meio que é um meio, digamos que, masculinizado. E pessoas alheias a tua família faziam comentários?

P.M. – Então... Era muito comum, porque assim... A minha mãe reclamava, mas por quê? Quando olhava, só eu de menina no meio dos meninos tudo... Agora, minha vantagem é que meu irmão, ele sempre tava junto, então os meninos respeitavam. Quando não me respeitavam, a xibata comia, o pau quebrava [riso]. Então assim, em relação a dentro da minha casa, não. Minha mãe comentava: “Não, minha filha, você tão linda no meio daqueles meninos!” Mas já na rua, sempre rolava: é macho e fêmea, sapatão, né? Mas assim, eu nem... Eu gostava era de jogar bola. Pouco importava do que que tavam me chamando. Gostava de jogar bola. Quando eu ficava com raiva, dava uns tapas, eu mesmo dava uns tapas, quando era alguém maior, meu irmão ia lá e se respondia. Pronto. Acabou à confusão. E assim, eu era muito respeitada pelos meus colegas, pelos amigos de infância e jogava muito bem também, então eles não se opunham. Eles não: “Ah! Não vai jogar não!” Como eu jogava bem, eles aí: “Não, ela vai. Bota no meu time, não sei o quê”. Ficava aquela confusão. É diferente de quando a menina não sabe jogar, quer jogar e ninguém a quer no time, porque ela mais atrapalha do que ajuda, né? Não... Eu tinha o apelido de Renato Gaúcho.

M.L. – Se garantia, né?

P.M. – É. E eu tinha o cabelo grande e jogava de cabelo solto, aí me chamavam de Renato Gaúcho, Maradona, não sei o quê, por conta do cabelo [riso], mas assim, é... o preconceito sempre existiu, né? Até mesmo como árbitra, de vez em quando, e isso já diminuiu *muito*, mas assim, alguns anos atrás, de vez em quando, a gente escuta na arquibancada: “É sapatão. Sai daí. Tem que ir pro fogão!” Aqueles gritos típicos, né? Mas a gente quando gosta, ignora e segue.

M.L. – Patrícia, fez amigos e/ou amigas dentro desse ambiente esportivo?

P.M. – Ah, *fiz!* Fiz muitos amigos. Eu acho até que eu... Que o que fica mesmo de melhor, são as amizades, assim... É claro que é... Eu costumo dizer, Dôra, que eu com dez anos de idade, dez, onze anos, eu já viajava prá jogar handebol em Natal. Morava em Mossoró... Prá passar quinze dias fora de casa, só com a equipe do colégio que ia pros Jogos Escolares, né? E assim, de certa forma, me ajudou muito na questão da minha independência, de eu ter cuidado com as minhas coisas, tá entendendo? Porque meu pai dizia assim: “Olhe, tá aqui cinquenta reais. Você *economize*, porque se você me ligar pedindo dinheiro, eu não dou mais não”. Daí eu ficava lá, segurando, porque a escola dava o café, o almoço e a janta, então o dinheiro era só pro lanchinho extra, né? E eu ficava com tanto medo de faltar dinheiro, prá ter que ligar prá o meu pai, que eu não gastava. Aí com dois, três dias, as minhas colegas tudo sem dinheiro, e eu lá com dinheiro guardado no bolso, né? Então isso são coisas, detalhes, coisas pequenas que eu não... Guardar roupa dentro da bolsa, tomar banho e estender a toalha... Coisas que a gente, quando percebe, já tá ali em você. Você já aprendeu a se cuidar, cuidar das suas coisas, tudo isso porque você tá envolvido num lugar, num ambiente longe da sua casa, longe dos cuidados da sua família e você, você tem que se cuidar, porque você tem ali um professor que cuida de dezoito, vinte. Às vezes ele levava três equipes: mirim, infantil e juvenil. Tem noção? Quase cinquenta meninas e só ele de responsável por essa ruma de menina que ficava alojada no Caique, uma escola, e ele tinha que dar definição, porque era cada equipe numa sala. Ele ficava lá, vigiando a noite todinha, prá ninguém fugir. Então assim, eu tenho muitos amigos, amigos de vinte anos, sabe? Que entraram na minha vida, pessoas que já entraram agora, depois da arbitragem, que são chegadas como se tivesse feito parte de toda

a minha vida, sabe? Então umas das melhores coisas, sem dúvida nenhuma, foram às amizades que o esporte pôde me proporcionar. Todos eles, assim, mesmo pessoas que eu conheci há vinte anos, hoje a gente se encontra. Por exemplo, pelo tempo que eu joguei basquete – eu joguei pouco tempo basquete. Foram dois, três anos no máximo – mas quando eu vou assistir jogo do basquete cearense, que tá na NBB⁵, aí sempre a gente encontra com vários colegas que jogaram, com ex-professores e sempre rola aquele carinho, aquela atenção, a resenha, sabe? Então, realmente, eu tenho muito a agradecer, pois são pessoas muito boas, pessoas que têm uma filosofia de vida muito parecida com a minha, pessoas que compreendem que o esporte não é só o esporte por si; tem muitas coisas por trás do esporte que as pessoas que não vivem, não conseguem entender.

M.L. – Eu costumo dizer que o esporte tem peculiaridades que só a gente que foi atleta, que é árbitra, que conhece o meio, sabe o que é, né? De conseguir mobilizar pessoas em todos os cantos do mundo por uma situação esportiva única. É fantástico, né?

P.M. – É. E assim, o fato de você se emocionar, sabe? Eu, às vezes, eu fico lá em casa e me emociono fácil quando perde, quando ganha que, que eu.... Que é o que muito me chama a atenção assim. É... Inclusive de ver... Quando eu trabalho isso com meus alunos, a questão de como as pessoas... das expressões, né? De como as pessoas, elas se transformam ao assistir, por exemplo, qualquer modalidade esportiva que seja, né? Por exemplo, você vai observar um jogo de futebol, as expressões da arquibancada, né? Você vê pessoas chorando, pessoas rindo, gritando, xingando e sabe? Vê pessoas que ao mesmo tempo, o jogo lá, o mundo *caindo* dentro do campo, e a pessoa tá ali, tomando a cervejinha ou comendo a pipoca e... Enfim, são várias emoções que o esporte, ele consegue agregar ao mesmo tempo, né? Eu lembro que eu fui prá uma final aqui de Campeonato Cearense, Ceará e Fortaleza, que é um inferno, deve ser semelhante lá a Bahia e Vitória, aos clássicos, e aí eu lembro que nesse tempo, nesse jogo... Passou até no Fantástico, no domingo, que depois a torcida quebrou o estádio *todo* e foi uma confusão generalizada. Só deu tempo eu sair do estádio. De repente o Ceará tava ganhando, com a taça na mão. Já aos 47 do segundo tempo, o Ceará jogava pelo empate e aí fez o gol, empatou o jogo e aí as torcidas ficam assim, uma de frente prá outra. Pronto! Aí o Ceará fez o gol, o povo aqui, todo mundo rindo, chorando de alegria não sei o quê, e do outro lado você via o povo

⁵ Novo Basquete Brasil.

desesperado, chorando, sabe? Aí lá vai, o Fortaleza bate o centro, gol do Fortaleza e *inverte*. Aí quem tava lá chorando de tristeza, já tava pulando de alegria, o povo aqui já desolado e isso ficou marcado em mim, entendeu? Como assim? Como as emoções, elas se transformam dentro do esporte. Eu digo no esporte como o todo, embora fosse uma partida de futebol. De repente você tá triste, quando você menos espera, você tá feliz e quando você vê, você ganha ou então você perde e tudo isso mexe muito com as emoções das pessoas, não é? Eu acho que eu sou uma pessoa muito mais sensível também por conta de ter a minha vivência dentro do esporte, porque não é só ganhar ou só perder, né? Você tem que aprender a conviver tanto com a vitória quanto com a derrota, né? E se a gente parar prá observar, a vida, ela é igual ao esporte. Nem sempre você vai só ganhar e nem sempre você vai só perder. Em algum momento você vai tá na sua vida e você vai dar uma respirada e: “Pô, tô numa fase boa, né?” Depois vem uma fase ruim, depois vem uma fase boa e é bem assim. Eu acho que o esporte, ele realmente acaba preparando prá vida. Eu tenho essa, essa visão.

M.L. – Quando e por que Patrícia decide ser árbitra?

P.M. – Então... É... Quando eu jogava handebol, eu tive uma lesão, a minha primeira lesão no joelho. Eu rompi o ligamento cruzado anterior jogando handebol. Eu devia ter meus dezesseis anos, mais ou menos, e aí fiz todo o tratamento, não precisou operar e tal. Quando eu entrei na faculdade, que eu comecei a jogar futsal, ninguém tinha tempo para treinar, o condicionamento físico não era essa coisa toda; quando chegava no final das competições, eu lesionava. E aí foi uma série de lesões. Lesionando, lesionando, lesionando, até que chegou o *momento* que eu não conseguia mais jogar. E aí foi bem quando alguns amigos começaram a incentivar a arbitragem feminina. Isso eu ainda tava na faculdade, mas eu jogava ainda, mesmo com o joelho machucado, eu ainda ficava ali tentando, né? Botava joelheira e tal... E aí uns amigos começaram a querer incentivar. Nos Jogos Escolares, modalidade feminina de futsal, e aí eles chegaram prá mim, prá Linda - que é árbitra da Federação do Rio Grande do Norte, só que eu acho que ela voltou a jogar, a ser atleta, daí ela se afastou da Federação - prá Naire, que éramos atletas de futsal: “Oh, vem fazer o curso aqui, porque aí as meninas vão ver vocês apitando e não vão ter vergonha de jogar”. Começou com essa história, né? Aí como eu já tinha dificuldade de jogar, jogava muito mais prá ir passear nos JUB’s, né, porque o nosso time era bom

também. Então assim, dentro do Rio Grande do Norte, a nível universitário, a nossa equipe era melhor. Então assim: “Ah, não, vamos prá ir pros JUB’s!” A universidade pagava tudo. E aí foi quando eles chamaram a gente. Eu fiz um curso lá, um curso simples não *tão* exigente como os das Federações, mas fiz esse curso e eles começaram a colocar a gente prá apitar os jogos das categorias tipo mirim, a menorzinha, né? E daí, foi daí assim... O que é que eu pensei? Disse: “Não. Uma forma de ficar dentro do futsal é...” Eu nunca, como eu falei, eu nunca quis ser atleta profissional e como meu joelho não aguenta mais tá correndo atrás, acho que prá ser árbitra, dá certo, porque eu só corro ali e tal. O deslocamento não tem tanta mudança brusca de direção, diferente quando se tá jogando, né? Embora canse, mas não chega a ser tão desgastante quanto o deslocamento de um atleta dentro de quadra. Então foi por esse motivo que eu resolvi ser árbitra: prá me manter dentro da modalidade. Aí sim, surgiu do convite *lá* em Mossoró. Quando eu voltei prá morar em Fortaleza, eu já apitava lá em Mossoró e aqui por coincidência, encontrei com um amigo que é ex-árbitro da Federação Cearense e ele organizava umas competições no SESC⁶, no Programa SESC Ativo, e a gente conversando, aí ele disse... Ele perguntando o que é que eu jogava... “Eu jogo handebol, futsal, basquete, mas não tô jogando mais nada não”. Eu sei que chegou à história da arbitragem. Aí ele disse que era árbitro da Federação Cearense de Futsal. Aí eu disse: “Ah, eu também sou árbitra de futsal, mas lá de Mossoró. Os meninos estão organizando agora a Associação e tal...” - porque a Federação é em Natal, que é a capital. Aí ele disse: “Tu apitas?” Eu disse: “Apito”. Ele: “Pois vou fazer um teste contigo. Eu vou fazer uma competição aqui do Projeto Manoel Tobias – foi à primeira competição do Projeto Manoel Tobias, pois ele tem uma parceria com o SESC - e tu vai vim aqui sábado de manhã. Tu chegas aqui sete horas da manhã”. Na época, ainda era calça branca. Foi *bem* no final da transição. Sabe que o estado do Ceará foi um dos últimos a largar a calça branca, né? Aí eu vim: “Vou fazer esse teste contigo. Tu vais apitar aí. Vou te colocar prá apitar uns três jogos aí e depois eu vejo se tu tens jeito prá coisa”. Aí eu disse: “Ah, beleza!” Aí vim, apitei, me saí muito bem, e depois disso, ele, todas as competições que ele fazia, ele me trazia, ele me convidava e eram competições adulto masculino, adulto feminino, adulto... Só prá tu ter uma ideia, eu apitei... Era tipo várzea, eram competições de graça. Ele só mandava os convites e quem quisesse... Não pagava nada prá participar e tinha premiação. Tudo de graça. E eu sei que dessa história, o que aconteceu? Eu apitei ainda uns três anos com ele, longe da Federação, mas aí o que foi que

⁶ Serviço Social do Comércio.

eu pensei? Eu apitava... *Todas as finais* eu que fazia. Independente de ser masculino, feminina, adulto, de menino, de velho, de qualquer... Eu que fazia as finais. E aí eu pensei: “Não adianta ser a melhor árbitra aqui e não ter o escudo da Federação. Eu quero ir prá Federação”. Ele disse: “Tem certeza?” Eu disse: “Não adianta. Eu quero ser CBFS. Eu quero ser FIFA. Estando aqui não dá, porque daqui eu não vou para canto nenhum“. Ele: “Pois tá bom”. E aí ele me indicou, me orientou direitinho... Aí foi quando teve um curso do Governo do Estado, em parceria com a Federação, em Maracanaú. Eu fiz, mas logo quando eu terminei esse curso, eu operei os dois joelhos. Fiz um e depois eu fiz o outro, porque já vinha esfolando, esfolando... Eu fiz os dois de LCA, do ligamento cruzado anterior. Aí depois que eu operei, eu continuei trabalhando com ele. Prá você ver, eu ia trabalhar com o joelho operado. Ficava na mesa. De tanto que ele gostava do meu trabalho. Eu ficava na mesa, porque eu ajudava na organização da competição também. Fazia congresso técnico e tal, recém formada, né? Sacava tudo. Aí depois disso, depois que eu me recuperei, aí eu fui e disse: “Não, agora eu vou para a Federação”. Aí eu já tinha o certificado do curso da Federação e foi só pedi para ingressar no quadro. Quando eu ingressei no quadro da Federação, que foi em 2012, se eu não estou enganada. Acho que foi mais ou menos isso. Ou foi 2012 ou 2013. Eu sei que um ano depois, aqui a gente só tinha Alane de árbitra, então tinha vaga ociosa no quadro, né? E aí, um ano depois, o meu Diretor foi e perguntou se eu queria ir pro quadro e tal, fazer o teste. Pronto! Aí entrei no quadro e tô até hoje. Mas assim, inclusive quando eu lhe conheci, naquela competição que você tava trabalhando em João Pessoa, eu tinha acabado de entrar aqui no quadro da Federação. Daí eu disse prá Madê e prá Alane: “Rapaz, eu vou lá olhar, prá ver se eu tô muito longe da realidade das meninas, porque aí...” Aí pronto. Foi a primeira vez que eu fui e conheci algumas do quadro, tipo você, Renata, Tell, Ana Moraes, Fátima de Sergipe, a meninazinha lá do Rio Grande do Sul, a Marcinha... Exatamente! Então assim, quando eu cheguei ali, que conversei com vocês e que fui muito bem recebida... E aí na minha cabeça: “Ah, não. Agora eu vou trabalhar prá ser CBFS”. Eu tinha acabado de entrar na Federação naquele ano, aí eu comecei a me dedicar... Conversava muito com Alane. Renata me ajudou bastante também, né? E aí eu aqui comecei a me destacar nos jogos. Foi quando, no ano seguinte, surgiu o convite prá ir pro quadro, né? Aí eu fui pro quadro, fiz algumas competições pela CBFS... Das competições que eu fui - não foram muitas, porque eu peguei o azar de bem na hora que tava quebrado o negócio – mas assim, eu cheguei a ir, acho, que prá três competições... três competições apenas, mas as três competições eu

cheguei a fazer a final, inclusive de uma competição masculina, que foi a última que participei em 2017 ou 2018. 2018 [pensativa]? Não. 2017. Foi em Recife, uma competição sub 9. Inclusive o jogo mais difícil que eu já fiz em minha vida, foi nessa competição. Masculino, sub 9, em Recife. Uma semifinal. Ninguém dava nada pelo jogo e foi a final da competição. Então assim, eu entrei na arbitragem por um desejo de continuar no meio do futsal, pois eu não me via mais como atleta, jogando, né? Aí isso foi uma forma que eu achei de ficar ali pertinho e de alguma forma contribuir com o futsal.

M.L. – E alguém te apoiou nessa decisão? Quem te apoiou? O que a família achou dessa sua nova perspectiva de atuação?

P.M. – Então. É... É como eu te disse. A minha família sempre me apoiou em tudo. Quando eu cheguei em casa: “Mãe, eu vou ser árbitra”. E aí mãe: “Como é, menina?” Eu: “Vou ser árbitra agora”. “Mulher, tu tem certeza?” Eu disse: “Tenho. Vou ser árbitra”. E aí ela ia assistir os jogos, aí de vez em quando, quando alguém pensava em xingar, aí ela olhava e dizia: “Olhe, não xinge não. É minha filha viu!” [risos]. Aí: “Ah, desculpe, senhora...” Aí assim, hoje, eles sempre vão, sempre, sempre. Eles sempre apóiam, assim. Sempre apóiam. Minha família, graças a Deus assim, tudo que eu invento de fazer, eles chegam junto, sabe? E em relação a outras pessoas, o próprio Silva Moura, esse meu amigo que trabalha no SESC, até hoje ele trabalha no SESC... Com algumas limitações que a Federação passou prá nós árbitros, não poder mais trabalhar com pessoas que não fossem da Federação, então eu praticamente parei de trabalhar com ele, mas eu trabalhava com ele com *beach soccer*, com futebol *society*, com futsal... E depois dessa proibição, aí eu disse: “Poxa, Moura. Quebraram minhas pernas aí. Não posso mais nem ir, porque senão vou para a geladeira...” E aí ele foi um grande incentivador prá eu trabalhar na Federação. Quando cheguei ao quadro nacional, ele também sempre me apoiou. A Madê, a Alane, a Renata, as meninas da arbitragem, né? Assim... Em 2014 - eu conheci a Renata antes - eu conheci a Ana Lúcia, de São Paulo, e a Sigrid, e daí elas me motivaram mais, porque foi bem no período que eu queria muito começar fazer jogo adulto e o meu... Se eu tava bem prá ir, sabe? Magrinha, estudiosa e tudo... E assim, e o meu Diretor, foi quando ele começou a me segurar, sabe? “Não, não vai. Não sei o quê, não sei o quê...” Aí botava uns caras lá... Super ruins... Por isso que eu não vou assistir, porque eu tenho raiva, sabe? Porque você vê tanto árbitro bom, que poderia fazer um jogo adulto bom e o cara não

coloca, aí bota uns carniças que não sabe nem sinalizar, entendeu Dôra? Aí por isso que eu não vou assistir. Por isso que no começo eu disse prá você que eu só saio para ir ver os meninos, porque eu sei que a *arbitragem* vai ter uma qualidade legal, que você não vai ter raiva, que vai ser um jogo que eles vão saber contornar, que não vai ter confusão... Aí vale a pena assistir, mas você vê um jogo que o cara não quer nem correr de um lado para o outro, que fica um aqui desse lado, do fundo do voleibol e o outro ali, ficam os dois na diagonal. Pronto. Só mexe a cabeça e... Não! Aí eu não posso ser hipócrita [riso] e dizer que... Não!

M.L. – E a gente não assiste jogo, a gente assiste a arbitragem.

P.M. – *Exatamente*. Eu não vou prá ver o atleta, eu vou ver... Eu vou prá ver as decisões que os árbitros vão tomar diante das circunstâncias. Se eu disser que eu vou prá ver o atleta, é porque o time... *A Seleção Brasileira* que vai... Até jogo de *televisão*, eu fico procurando os árbitros [riso] prá ver o que é que eles estão fazendo. É bem isso. Depois que você vira árbitro, você deixa de ser torcedor de time. Você passa a ser observador de árbitro, né?

M.L. – E aí? Os sobrinhos, os irmãos... Como reagiram ao ver a Patrícia árbitra, conduzindo uma partida?

P.M. – Eles adoram. Sabe que... é... No final do ano passado, teve uma clínica aqui organizada pela CBFS e aí teve um amistoso internacional, Brasil e Argentina, e eles pegaram eu e a Fernandinha prá... Não tinha dinheiro prá trazer as FIFA, né? Disse: “Não, vamos pegar as CBFS’s local”. E pronto. Aí vem eu e a Fernanda fazer esses jogos. Estava lá a família. Jogo internacional. Eu já posso até me aposentar, porque eu já fiz um clássico sul-americano, Brasil e Argentina. Nós fizemos três jogos: era Brasil e Seleção Cearense e dois jogos, Brasil e Argentina. *Nossa!* Os meus sobrinhos... Assim, ali na primeira fila: “Tia Patrícia...” A única árbitra do Brasil que tem torcida em ginásio sou eu, rapaz [risos].

M.L. – Jogos masculinos ou femininos?

P.M. – Esse foi feminino. Seleção feminina com direito a Amandinha e tudo em quadra, né? Melhor do mundo e que é cearense... Então assim... Mas eles vão, sabe? Sempre quando eu... Porque assim, esse ano, eu praticamente não trabalhei, porque eu machuquei o joelho treinando pro teste ano passado. Terminei toda esfolada. O teste muito forte, muito pesado, né? E aí esse ano eu operei, em março prá abril, e não voltei mais a trabalhar pela Federação ainda. Acho até que nem vou, porque agora, no segundo semestre, eu tenho que operar o ouvido. Então voltei a treinar já, prá perder peso, mas é... Ano passado, sempre que dava, eles se faziam presentes, sabe? A minha família, realmente, é muito assim, muito parceira. Eles gostam, sabe? Os meus sobrinhos, eles adoram as camisas velhas de arbitragem... Eu acho tão engraçado, eles saem na rua parecendo uns árbitros [riso]. Eles vestem... Às vezes, são os três. Cada um com uma cor diferente [risos]. Eles saem... Mas assim, eu já disse prá eles: “Olhe...” Eu tenho meu sobrinho de doze anos, ele quer ser professor de Educação Física. “Rapaz, tu tem certeza?” “Tenho tia. Eu quero ser igual à senhora”. “Meu filho, queira não. Queira ser... As pessoas não reconhecem o valor que se tem...” “Não, mas eu gosto!” Esse realmente gosta. Às vezes, o mais novinho já quer pegar o apito prá... Dentro de casa, eles brincando de travinha: “Tia, deixa eu apitar”. “Não! Deixa não. Cresça mais um pouquinho prá você entender”. Mas assim, eles gostam, sabe? Eu sinto que eles se orgulham de ter uma tia... Meus irmãos: “Ah, minha irmã...” Aqui, em Fortaleza, o Campeonato Cearense, ele é televisionado - a rodada de sábado. Tem um jogo de televisão todo sábado. E aí, ano passado, acho que eu fiz um jogo de TV. Minha amiga, minha irmã trabalhava na Magazine Luiza e na hora do jogo: “*Bota aí* prá mim ver...” Todos os televisores da loja [risos] passando o jogo, sabe? E aí, quando eu chego lá na loja que ela – ela agora não tá mais lá - mas quando eu chegava na loja, aí os amigos dela: “Olha a árbitra...” Então assim, eles ficam se achando, né? Eles... Minha família adora, né?

M.L. – Patrícia, quando você começou a arbitrar, como é que estava o futsal naquela época? Tinham muitas competições? Qual era o cenário a nível regional e nacional?

P.M. – Logo quando eu comecei, eu fazia faculdade - foi o quê? Foi em 2002. 2002 prá 2003, aqui em Fortaleza, já tinha o futsal feminino, já tinha e era forte, tinha equipes muito boas, mas lá no Rio Grande do Norte também já tinha, mas assim, a nível de escolar, que é onde tudo deveria começar, na escola. Eles estavam começando a ter competição de futsal

feminino nos Jogos Escolares, mas já existia o futebol, não competições oficiais. Existiam torneios de futebol. O futsal era bem menos; era mais futebol. Pelo menos na minha realidade lá, né? Mas assim, já existiam equipes... Acho que tava começando, de fato, a crescer. Assim, eu... É porque é como te falei, na minha adolescência, eu jogava handebol, então quando eu voltei já com dezenove anos prá faculdade, foi que eu voltei a ter contato com o futsal. Eu fiquei muito longe e não conhecia muito da realidade. Eu sei dizer isso, porque quando me convidaram prá ser árbitra, convidaram com esse intuito, né? De incentivar as meninas a participarem.

M.L. – E quando você se torna árbitra? Como era o cenário? Você enquanto árbitra, não mais atleta?

P.M. – É... O futebol feminino como um todo... O futebol e o futsal são assim, meio que agregados, porque, muitas vezes, as mesmas meninas que jogam futsal, são as mesmas que jogam futebol e aí hoje tem competição de futsal, vai todo mundo prá quadra; amanhã é no campo, tá todo mundo no campo. Nessa época já, já tinha assim, equipes. O nível muito bom. Se a gente parar para observar, por exemplo, aqui a realidade de Fortaleza, do estado do Ceará, tem muita menina boa de bola, *muita!* Não tem incentivo e então muito delas, quando chegam ali nos seus dezessete, dezoito anos, que estoura a idade escolar, que tem que ir pro mercado de trabalho, elas param de jogar, né? Aí quando elas chegam... Não têm prá onde ir, não tem um clube que pague prá aquela menina se manter e aí acaba que elas passam a jogar muito mais pela barca, que chama, né? Tipo assim: “Ah, vai ter um campeonato ali. Se ganhar tem cerveja...” Sabe? Não é uma coisa... É um amador, mas muito amador mesmo, sabe? É uma coisa que... Às vezes, eu fico triste, porque eu vejo muita menina que teria condições *demais* de chegar numa Seleção Brasileira, sabe? De receber um convite prá jogar fora, de morar na Europa, mas que se perde, porque aqui não tem incentivo. Só prá você ter uma ideia, Dôra, competição aqui feminina, pela Federação Cearense... Federação Cearense, se você for olhar, é uma das Federações do Brasil que *mais tem jogos. Todo dia* tem jogo aqui. *Todo dia.* O campeonato de base é de domingo a domingo, segunda a segunda, com dois, três, quatro ginásios em Fortaleza, com três, quatro jogos por dia... É *muito jogo, muito...* Só que assim, quando você vai olhar os campeonatos *femininos*, é uma coisa feita de má vontade. Faz porque agora a CBFS... Desde quando a UNIFOR foi punida, há alguns anos atrás... A UNIFOR, eu acho, se não

me engano, no ano que a UNIFOR ia comemorar quarenta anos, é... No ano anterior, não teve Campeonato Cearense e aí quando a UNIFOR ia comemorar quarenta anos, colocando o time na divisão especial adulta, foi barrada. A CBFS não deixou. Disse: “Não. Vocês não tem estadual. Como é que vocês querem botar equipe?” Aí foi punida, caiu prá série de acesso, prá A, e assim, foi nessa época, foi uma confusão muito grande, por quê? Porque a UNIFOR sempre apoiou a Federação, sabe? A UNIFOR sempre ajudou. Muitas vezes a UNIFOR pagava era a competição todinha prá ter. Nessa época, a gente pode... A UNIFOR *sempre* ficava entre as três primeiras. Em qualquer competição que fosse, no Brasil, a UNIFOR tava entre as três primeiras. Fosse Campeonato Universitário, fosse campeonato oficial da CBFS. Então... Aí pronto. Aí teve essa quebra. Aí desde aí, desde que a UNIFOR foi punida... Quem foi punida não foi nem a Federação, foi a UNIFOR. A UNIFOR, por que assim... porque é a única representante que toda vida ganhava. Acabou que foi punida. Aí a Federação, desde aí, eu acho que 2014, 2015... Desde aí a Federação passou a fazer o Campeonato Cearense feminino, mas é coisa tipo: um final de semana ou então faz um final de semana aqui; aí, no outro mês... Uma coisa assim, sabe? Que você olha e... Não valoriza.

M.L. – Tá cumprindo...

P.M. – Ele faz por obrigação. Ele não faz prá fomentar a modalidade, tá entendendo? “Ah, eu quero que o feminino cresça. Vou incentivar. Vou fazer um campeonato legal...” Não, não faz. Não faz. E por incrível que pareça, aqui em Fortaleza, eles criaram uma Liga de Times, sabe? De clubes, inclusive eu até, nunca mais... Nunca mais eu vi. Quando eu trabalhei no SESC, eu era mais pertinho, porque a gente fazia os torneios de graça e aí eu fazia questão de convidar a galera todinha; não só o feminino. Às vezes, a gente fazia... Era prá fazer oito masculinos e oito femininos, eu fazia dezesseis femininos, porque masculino sempre tem e o feminino, as bichinhas ficavam procurando e tal. Aí assim, eu tinha mais contato com eles. O que foi que eles fizeram? Criaram tipo uma Liga e eles fazem o campeonato deles, então assim, eles passam o ano todinho jogando, sem nem pedir a Fede... Aí o que é que acontece? Acaba que a Federação perde, porque eles não contratam arbitragem da Federação, entendeu? Mas eles participam. Então assim, tem o ano todinho de competição, do jeito deles... Eles fazem...

M.L. – Patrícia, você lembra como foi esse curso inicial, que você fez lá em Mossoró, na faculdade? Como é que você se inseriu na Federação vinda desse curso que não era oficial? Era um curso de uma instituição alheia a Federação e de outro estado, né?

P.M. – Assim... Lá em Mossoró, eles fizeram um curso assim... Como é que foi o curso? Pega a regra, estuda aqui regra por regra. Tudo direitinho. E aí a parte prática, vamos para a competição. Aí pega um jogo ali mirim, os pequenininhos, os meninozinhos, as meninas também que... Enfim, aí vai observando e aí tinha um dos instrutores do curso, ele ficava acompanhando ali e na hora do pedido de tempo, na hora do intervalo, ele ia lá e corrigia a postura, sabe? Eu nunca esqueço que eu... Um dos instrutores, ele era professor de Educação Física – muito gente boa – e ele dizia assim: “Olha, a bola saiu, estica o braço. Se você tá certo ou errado, não importa. O que vai importar é a segurança que você vai passar prá quem tá assistindo”. Aí eu fiquei com isso na cabeça, né? E outras dicas, sabe, a questão da postura... Que tinha que... Que nós, mulheres, tínhamos que ser mais elegantes; que os homens, ninguém olha não, mas mulher olha... Você não pode tá feia não. Você tem que tá... Coisas bem simples, mas que até hoje eu sempre lembro, entendeu? Às vezes acontece de tá ali, uma dividida de bola, você não sabe prá quem você ... De ter aquela certeza, aí você estica o braço aqui... Acabou, acabou. Vai... E aí, quando eu fiz esse curso rápido e fui... Na verdade, pegando experiência, né? Quando eu vim morar aqui, antes de eu ir prá Federação, eu fiz um curso da Federação, entendeu? Eu não vim com esse curso prá Federação. Eu fiz um curso que... Ele foi um curso feito do Governo do Estado junto com a Federação Cearense, e aí os instrutores do curso, eram os que continuam dando curso na Federação. Sabe quando esse curso? Se eu não me engano, em 2008. Onze anos já. Eu fiz esse curso e hoje ainda são os mesmos instrutores. Falcão, Capitão Wilson, Alexandro Rodrigues, Manoel Galindo... Os mesmos. Então assim, quando eu vim pedir prá que eu ingressasse no quadro, eu já tinha um certificado da Federação. Esse curso que eu participei.

M.L. – E antes do curso, você já arbitrava? Antes de fazer o curso na faculdade e na Federação, já se aventurava na arbitragem?

P.M. – Não, nunca. Nem assim, quando treinava: “Apita aí...” Nem handebol quando eu treinava: “Apita aí”. Nunca gostei, acredita? Assim, prá você ter uma ideia, até hoje, tem

muita gente que pergunta: “Como é que tu é árbitra nacional de futsal e não quer apitar handebol?” Eu nunca quis. Nunca quis. Não. Prá mim arbitragem é só o futsal. Muita gente me incentivou prá ir pro campo, né? “Ah, vai pro campo. Tá crescendo”. Eu disse: “Não. Só gosto de futsal”. Então, antes de ter esse convite de trabalhar com a arbitragem de futsal, eu nunca tinha me arriscado, nunca tive interesse. Acho que foi mais pelo desejo de continuar dentro do futsal, porque não sei, de repente, no handebol eu até via a possibilidade de ser treinadora de handebol, de ser atleta, mas... No futsal, não. No futsal era só se eu fosse árbitra, porque nem prá ser treinadora de futsal eu nunca quis, acredita? Acho que eu... não sei.

M.L. – E você lembra, quando e como foi o seu primeiro jogo como árbitra de futsal, árbitra federada?

P.M. – Ave Maria! Federada, cara? Aí eu acho que... Eu não tenho certeza não, porque a minha memória também não é muito boa não, mas eu acho que foi um jogo escolar. Uma copa de colégio. Acho que fui eu e o pastor lá no Colégio Santa... Como é o nome daquele colégio? A minha melhor amiga trabalhou lá há muitos anos. Aposentou já. Foi no Santa Isabel. Foi no Santa Isabel, uma copa de colégio e aí eu apitei com o Pastor. O Alexsandro Rodrigues, que é o nosso CBFS, ele era o coordenador da escola que ia jogar. Ele tava lá, bem quietinho assistindo e eu nem sabia quem ele era. Eu sei que eu apitei direitinho e no final ele me parabenizou e tudo. Foi um jogo bem simples, né? Uma Copa Escolar feminina.

M.L. – Lembra a categoria?

P.M. – Eu acho que deveria ser quinze anos. Sub 15. As meninas eram bem espertinhas. Eu tenho prá mim que foi esse jogo. Foi o primeiro que eu fiz pela Federação.

M.L. – E aí, do quadro estadual chega ao quadro nacional, que era sua meta, né? Como é que foi sua primeira participação numa competição oficial da CBFS?

P.M. – Minha primeira participação foi em Belém do Pará. Dá aquele friozinho na barriga, né? Mas eu tive muita sorte, porque eu fui com Alane e fui com Madê. Madê anotadora e

Alane FIFA e ainda era com Pomeroy. Ele era representante, então ele muito tranquilo, me passou muita segurança, né? O jogo, se eu não me engano, era primeira divisão. A competição era a primeira divisão, acho que um sub 17, e assim, prá mim, foi... Eu tava radiante, me achando assim, porque quando a gente apita... Quando eu trabalhava no subúrbio, eu dizia: “Ah, não. Eu quero ser da Federação”. Aí quando cheguei na Federação disse: “Não, não. Agora eu quero ser CBFS”. E até confesso prá você que já pensei em almejar ser FIFA, né? Mas hoje isso já não me apetece mais. Já não tenho mais esse desejo, porque eu tenho outras prioridades. Como eu falei prá você, eu agora quero ser gestora escolar. Já é uma coisa completamente incompatível, ainda mais se tratando da rede pública aqui de Fortaleza, do que acontece hoje em nossa realidade, né? Então assim, como eu tô muito mais focada na minha profissão mesmo, que é o que me dá o retorno, que me mantém, hoje eu já perdi esse, esse interesse de querer ser uma árbitra FIFA, sabe? Não que... Eu particularmente, eu não acho que eu esteja tão fora da realidade: “Ah não, prá eu ser FIFA eu tenho que melhorar muito”. Não! Assim, as meninas que estão hoje no quadro são excelentes, mas... É... Eu tive boas professoras, então... Aqui no Nordeste nós temos ótimas árbitras também e eu fico muito triste, porque... Eu até cheguei a comentar com algumas das meninas que assim, Alane era FIFA, perdeu o escudo e o escudo foi prá Santa Catarina, onde tem dois lá, né? Então, eu acho até assim, que poderia ser qualquer outra árbitra - não necessariamente eu - mas eu acho que as Federações do Nordeste deveriam ter segurado o escudo, sabe? Vamos ver aí das que tem, qual que tem condições; vamos chamar a atenção prá fulana de tal e vamos chegar naquela Federação... Podia ser você, entendeu? Chegar na Federação Bahiana: “Dôra, o escudo tá aqui. Se você quiser... Mas vamos treinar, vamos ficar magrinha prá passar no teste físico. Vou te colocar em jogo adulto prá tu pegar marra, prá gente segurar esse escudo”. E não teve isso, entendeu? Então assim, não tiro o mérito nenhum da Ana Elise, que é a que ficou com o escudo em Santa Catarina. Ela é uma excelente árbitra, mas digo assim, em termos de regionalismo, eu acho que deveria ter ficado aqui, independente de qual estado do nordeste ficasse, tá entendendo Dôra? Se você parar para olhar hoje... “Ah, vamos ver quais são as árbitras...” Você tá fazendo essa pesquisa, né? Nós não temos muitas árbitras. Nós não temos muitas árbitras. Isso é fato. Mas o que eu tô querendo te dizer é o seguinte: já tinha muito tempo, cara. *Anos!* Que vinha com essa pedra aí cantando: Renata e Alane vão sair. Renata e Alane vão sair. Eu, pelo menos, escuto isso há muito tempo...

M.L. – Por que não se preparou uma outra para?

P.M. – Tá entendendo? Poxa! Juntava as nove Federações aqui do Nordeste: “Galera, os escudos estão aqui. Daqui a pouco vão boiar. Vamos preparar as mulheres aí para disputar”. Já que o masculino é tão difícil! Eu acho que devia ter. E olhe que nós também temos excelentes árbitros. Não vou dizer pelos homens dos outros estados, mas aqui no estado do Ceará, tem árbitro muito bom. Eu fico olhando os caras FIFA apitando aí, os caras cometem cada erro, entendeu? Mas assim, é muito mais uma guerra política, né? E infelizmente nós não tivemos nenhum Presidente de Federação que pensou dessa forma e disse: “Não, vamos segurar”. Eu até conversei isso com Luís Cláudio, que na minha opinião é o mais forte. Ele é fora de sério. Eu sou muito fã dele. E aí eu falando prá ele: “Pô, Luís, nesse momento eu queria ser da tua Federação”. Olha, eu fui prá uma competição lá, a que eu falei sub 15, acho que foi 2017 ou 2018, simplesmente acabou o meu primeiro jogo - ele nunca tinha me visto apitar – ele me viu apitando ali. Acabou o jogo e ele disse: “Não precisa trocar de roupa não. Você vai com Alane apitar o Campeonato Pernambucano adulto agora, lá no campo tal, no bairro tal, no sei o quê. Pegou o carro, botou a gente dentro do carro e foi se embora. Aí fiz um adulto lá e ninguém nunca tinha nem me visto. Ele confiou no meu potencial e apostou em mim ali. Enquanto aqui na minha Federação, os caras me vêem... Olha Dôra, o que tem de... Hoje mesmo eu tava conversando com um dirigente de um clube que tem uma quadra, que é a quadra da prefeitura, e ele é o administrador da quadra e como tem um clube, que é Sumove, nosso clube mais antigo e tal e ele toma conta. Eu fui, entrei em contato com ele, prá solicitar a quadra prá um evento em dezembro, de handebol máster. Quando eu falei o meu nome: “Eu sei demais. Patrícia CBFS. Tô sentindo sua falta. Você não pode parar de apitar”. Aí eu fiz: “Obrigada!” Aí falei que tinha parado, porque tinha operado o joelho. Então assim, sempre quando eu chego, o povo pergunta por mim: “Onde é que você tá. Por que você não tá apitando? Por que eles não lhe botam no adulto?” Aí eu digo: “Fala aí com meu Diretor, né?” Então assim... A escala não é nossa. Eu acho que falta um pouco mais de *incentivo* pro feminino, sabe Dôra, porque assim, eu não tenho dúvida nenhuma que capacidade nós temos, nível técnico, tem; competições, tem também e o nível é bom das competições, entendeu? De todas. Aqui em Fortaleza, olha, eu lhe digo porque eu conheço, pena que você veio nessa carreira, nessa correria e tá de férias, aí o campeonato de base tá parado. Se fosse no período normal, eu podia te levar todo dia prá um canto diferente, prá

você assistir e ver como o nível do futsal aqui é forte. Sabe? Então... Não é porque... O povo lá de baixo diz que é porque aqui tem pouco jogo, mas não é, sabe? Não é. Eu acho que falta, realmente, incentivo. Eu espero que tantas que já passaram antes de nós, tantas meninas que já fizeram, já se esforçaram prá que a arbitragem feminina chegasse ao ponto que está... Mas assim, eu tenho medo de que, em pouco tempo, volte prá estaca zero, porque as que a gente tem hoje, estão parando. E eu vou lhe dizer pelo grupo que nós temos de árbitras, que se reencontra, é um povo que quando pára, não aguenta mais nem passar na frente de ginásio. Ninguém quer mais nem saber de futsal. Assim, fica com as amizades, fica com aquilo que o futsal trouxe de bom, mas assim, ninguém quer mais contribuir, tá dentro de quadra dando sugestão... Não, não quer mais, sabe? E isso me preocupa, porque eu acho que vai chegar o momento que não vai mais ter árbitra.

M.L. – E sua fala, ela foi também uma observação feita por Alane: “Quando a gente parar, e aí? Quem vai tá dando a cara prá que ele se mantenha o quadro ou ele seja ampliado?”

P.M. – Mas é exatamente isso, porque é muito complicado. A desvalorização faz com que as pessoas percam o interesse, né? É igual à própria... O nosso país... Você é educadora e você sabe. Nós estamos passando por um momento muito difícil. Então assim, o que já tava difícil prá educação, com essa mudança de governo, tá piorando a cada dia, sabe? E assim, vai chegar um momento que ninguém mais vai querer ser professor. E aí? O que vai ser das outras profissões? Eu me preocupo, sabe? Eu me preocupo, porque aqui na minha Federação nós somos três árbitras. Éramos quatro. Uma engravidou e agora nós somos três, inclusive tem a Vanda que entrou esse ano no quadro... Se quiser o contato dela... Ela é uma menina muito boa também. Ela entrou esse ano. E aí, o que acontece? Tipo, eu tenho 36, a Fernandinha tá terminando Medicina, acho que tem mais ou menos a minha idade, e a Vanda acho que é um pouco mais velha, nem sei. Mas tipo: se a gente resolver parar agora, acabou a arbitragem feminina no estado do Ceará. Não tem mais ninguém e nem as que fizeram o curso, têm interesse em apitar. Tem bem dez, mas que só querem anotar. E aí? O que é que acontece? Como já têm poucas, e as que tem pouco trabalham, não dá nem prá motivar as que jogam, um dia quererem ser árbitras, né? Mas... E segue o jogo [riso]...

M.L. – Patrícia, você consegue lembrar quais foram às principais competições que você arbitrou enquanto árbitra federada e confederada? Quais as categorias, gênero?

P.M. – Assim, depois que eu entrei na Federação, eu fiz várias finais. Prá falar a verdade, eu só não fiz final ainda de adulto masculino, mas de todas as outras categorias... Aí é que tem um detalhe: no futsal feminino, nós não temos categorias de base, só adulto feminino. Já masculino, tem a partir de nove. Tem nove, onze, treze, quinze, dezessete, vinte e o adulto, mas o feminino não tem. Então é assim, em termos de finais, eu já fiz finais de Campeonato Cearense, Taça Fortaleza... Em nível de Confederação, eu participei da primeira, que foi no Pará, acho que um sub 17, da primeira divisão; depois eu participei de um em Teresina, eu acho que foi um sub 15 e participei dessa de Pernambuco, Igarassu, se eu não me engano e era sub 9. Essas foram as três principais. Aí eu fiz também pela Confederação, eu fiz jogo de Copa do Brasil, fiz jogo... o amistoso Brasil e Argentina [riso] e basicamente isso. Eu acho que eu fiz um jogo de Liga também. De Liga Nacional, aqui, há alguns anos atrás, antes da Liga acabar. Acho que basicamente foi isso.

M.L. – Pela Confederação foram todos jogos femininos?

P.M. – Não. Femininos foram os... O que eu fui em Igarassu foi masculino, que foi o sub 9. Mas todos os outros foram femininos.

M.L. – Como é a condução de uma partida de futsal quando o jogo é masculino e quando ele é feminino? Essa condução difere?

P.M. – Olha, prá mim não, sabe Dôra? Assim... Eu procuro ser o mais profissional possível, sabe? É lógico que tem ali aquele jogo de cintura, mas eu particularmente, do jeito que eu apito o feminino, eu tento apitar o masculino; do jeito que eu apito um Sub 9, ali dos pequenininhos, eu tento apitar o do adulto; todos com a mesma atenção, porque eu me preocupo *muito* com a imagem que eu tô passando, sabe? Então, do mesmo jeito que eu corro prá um, eu corro pro outro. Se eu precisar chamar atenção eu vou lá: “Venha, cá. Olha, é assim, assim, assim...” Pra um vai pro outro. Sabe? É... eu acho que isso, com o tempo, a gente vai aprendendo, né? Mas o que vai mudar um pouco é o comportamento do próprio atleta; não é nem do árbitro. Por exemplo: as primeiras vezes que... Eu já fiz alguns jogos adultos masculinos e como eles sempre me colocam com um dos meninos, o Alex ou o Marques, então os meninos já impõem respeito. Quando eles me vêem, aí eu... eu já tô com o Marquinhos – eu sempre apitei mais com ele - aí o Marquinhos já fala ali pros

capitães: “Oh, do jeito que vocês me tratam, trate ela aqui e tal”. Ele meio que protege, dá uma protegida. Mas assim, eu percebo que eles sempre me respeitaram, o masculino. O feminino, você acaba tendo uma aproximação maior. Elas se sentem mais na liberdade de chegar e tentar se impor, mas aí você vai lá e conversa, e se for necessário apresentar o cartão, vai e tal, mas em relação ao meu comportamento, eu procuro sempre ser a mesma Patrícia, sabe? Foi até engraçado que... Aqui sempre faz aquela entrada olímpica e eu antes de entrar, eu paro e fico lá: short térmico, caneleira, tudo direitinho, brinco, essas coisas. Aí teve uma vez que eu fui apitar num interior aqui e tinha um rapaz lá do lado e ele ouviu. Eu disse: “Boa noite senhores, por favor, caneleira e tal...” Era um jogo adulto. Aí quando ele veio, ele veio pro jogo do filho dele aqui de base. Trouxe o menino prá jogar e do mesmo jeito eu falei pros pequenos: “Bom dia, senhores. Tudo bom? Tá todo mundo de caneleita?” Do mesmo jeito que eu falei. Aí quando acabou o jogo, o rapaz me chamou e disse assim: “Nunca vi isso na minha vida”. Ele me chamou e disse: “Ah, professora, venha cá”. Aí eu: “Opa! Diga aí”. Ele disse: “Eu quero lhe parabenizar, porque eu assisti a um jogo da senhora lá em Redenção e do jeito que a senhora fez lá, a senhora fez aqui com os meninos. Gostei. Gostei”. Eu disse: “Mas o esporte não é o mesmo?” Então a gente tem que tentar trabalhar do mesmo jeito, embora cada jogo seja um jogo, né? Vai ter uma situação que aqui pode passar um amarelo, ali não pode passar e tal. Mas no geral, eu procuro sempre tentar fazer do mesmo jeitinho, sabe? Não... Assim... É lógico que é como acabei de te falar, vai ter situação que você vai fechar o olho prá esse amarelo, mas ali você já não pode e tal... Esse jogo de cintura... Mas em relação ao comportamento, ao meu comportamento de árbitra, eu procure sempre manter aquela regularidade para depois não surgir comentário de que: “Ah, quando é no sub 9 apita de um jeito, no feminino apita de outro...” Agora, em relação aos atletas, eu percebo, muitas vezes, que o masculino respeita mais do que o feminino.

M.L. – É mesmo?

P.M. – Eu sinto isso, mas é como eu te falei, não sei se é porque eu apito aqui com os meninos que já tem renome e tal... No feminino, não é que as meninas não respeitem, não é isso, mas assim, elas têm mais liberdade, elas se acham que têm a liberdade de chegar e falar: “Ah, Patrícia, porque não sei o quê, não sei o quê...” E daí eu já corto e... Mas...

M.L. – Patrícia, você já parou de arbitrar, em algum outro momento, além de ter tido as lesões que a obrigaram a parar? Houve algum outro motivo que a tenha forçado parar de arbitrar por certo tempo?

P.M. – Não. Não. Desde que eu comecei... Das vezes que eu não pude apitar, foi por opção, por já ter compromisso e ter que negar escala, mas não teve nenhuma situação assim, do tipo, fui punida pela Federação. Não. Não. Nunca, nunca precisou não. Nunca aconteceu de eu fazer... cometer um erro muito grave, ir prá geladeira, sabe? Não, assim... O tempo que eu fiquei parada de trabalhar foi por lesão mesmo. Há alguns anos atrás, eu caí de moto, machuquei o ombro e aí parei um tempo; alguns meses. E agora, desde o começo do ano, por conta da cirurgia do joelho, mas normalmente não. E agora tem a cirurgia do ouvido. Mas normalmente nunca fui punida não prá ter que parar. Nunca aconteceu nada que fizesse...

M.L. – Patrícia, além da arbitragem, tu tens algum outro envolvimento com o esporte?

P.M. – Então, eu agora, como te falei mais cedo, eu jogo numa equipe máster de handebol e eu acabo, não querendo, mas a paixão fala mais alto, né? Eu participo dessa equipe já tem alguns anos. Eu acho que a gente tem essa equipe há quase cinco anos. Isso é um grupo de amigas que lá atrás, na adolescência, jogou no mesmo clube e acabou que há alguns anos resolveu voltar como forma de incentivar a prática mesmo de atividade física. As pessoas já estão tudo casadas, com filho, sedentárias e aí surgiu essa ideia: “Vamos montar aqui, porque pelo menos a gente se vê, prá mangar um pouco uma da outra, prá se divertir...” E ficou. Inclusive, amanhã, eu vou viajar de cedinho, às quatro e meia da manhã, prá Mossoró, para participar de uma competição lá. Só que eu vou como treinadora. A competição é adulta e a gente juntou o time das velhinhas, com mais três reforços das novinhas, para poder aguentar a correria e vai. O meu envolvimento hoje é só com essa equipe mesmo. Eu até já pensei algumas vezes em colocar modalidade esportiva dentro da escola em que eu trabalho, mas eu não tenho estrutura física prá trabalhar esporte nenhum lá na escola. A gente... Infelizmente a prefeitura tirou o telhado da quadra e já tem seis anos quase que tá no sol, sabe? Daí a gente não tem espaço para treinar, não tem material para treinar e assim, é muito complicado porque eu também não tenho carga horária de aula prá treinar modalidade esportiva e aí minha amiga, depois de você passar o dia em

sala de aula, ainda querer dá aula a noite, que não tem estrutura... não tem condições, entendeu? Mas eu digo é muito pros meus alunos... Agora assim, eu faço questão de realizar os jogos interclasse, porque eles adoram. E eu faço todas as modalidades. Eles participam do vôlei, basquete, handebol, futsal, aí faço corrida no meio da rua. A gente fecha a rua lá e faz os tiros de cem, de duzentos metros, faz corrida rústica. Eu procuro movimentar, porque, muitas vezes, se tratando de escola pública, a única oportunidade que eles vão ter é dentro da escola. É basicamente isso o meu envolvimento hoje com o esporte. Além da arbitragem é essa equipe máster de handebol e o esporte que eu tento desenvolver de alguma forma dentro da escola, mas também é como eu te falei, não é nada assim de equipe, sabe? Não. Eles... É esporte educacional.

M.L. – Patrícia, além de árbitra e professora, tem alguma outra atividade que você faz no teu cotidiano?

P.M. – Então, olha só... É... Quando eu passei no concurso que fui trabalhar em escola pública, a gente... Eu tenho uma amiga que trabalhava comigo, ela se aposentou e ela já realizava na escola esses interclasses, né? E eu lembro que o primeiro ano que eu cheguei lá, a medalha que o diretor dava era aquela honra ao mérito de lata, aquele negócio que ninguém usa mais, né? Aí eu disse: "Ah, não. Não quero dessas medalhas aí não". E eu fui pesquisar o preço daquelas medalhas personalizadas. Muito caro, muito caro, aí eu disse: "Não!" Aí Amadeu foi e disse: "Papati, isso aí é bem facinho de fazer. Aprende!" De acrílico com resina?

M.L. – Hum...

P.M. – Aí eu disse: "Ah..." Aí Amadeu disse: "É, menina, na época que ela foi dirigente na AABB, ela disse que foi pegar uma premiação e chegou lá o cara tava fazendo e ela ficou observando..." Eu disse: "Pois espera aí..." Aí eu fui na internet e assisti um vídeo que tem lá de trinta minutos no you tube e no outro dia eu fui e comprei o material todinho. Saí catando naquele trânsito do centro de Fortaleza, aí comprei a resina, achei um lugar que cortasse o acrílico, tudo direitinho. Aí eu mesma aprendi a mexer... aprendi a mexer no Corel Draw, viu? Aí, por conta desses meninos, eu aprendi a fazer essas premiações personalizadas de acrílico. E hoje - isso foi quando eu entrei na prefeitura em 2012 - e de lá

prá cá eu já me aperfeiçoei tanto, que hoje eu já ganho um dinheirinho extra. É porque eu não divulgo, pois eu só faço prá escola pública, pros meus colegas que são professores. Se uma pessoa quer fazer um interclasse, por exemplo, se uma medalha aqui no mercado sai a quase oito reais, eu passo de quatro e quinze, dependendo do modelo, sabe? Quatro e cinquenta, tá entendendo? Então eles ficam tudo louco, só que assim, como eu te falei, eu só faço prá escola pública. Eu não divulgo prá ganhar dinheiro, eu não faço disso uma fonte de renda. Dependendo da escola e da pessoa, eu faço só pelo preço de custo, porque também prá mim, é uma terapia, entendeu? Assim, eu fico ali concentrada, fazendo... Esse chaveiro aqui da minha moto fui eu quem fez.

M.L. – Ah!

P.M. – É do meu time de handebol. Então eu acabei aprendendo a fazer isso aí prá dar pros meus alunos.

M.L. – Que massa!

P.M. – Daí eu faço umas medalhas tudo personalizadas, aí depois disso eu faço... Lá na escola tudo que vai fazer tem premiação. Por exemplo: soletrando, olimpíadas de matemática, não sei o quê... Tudo isso a gente faz um premiozinho personalizado, de acordo com a atividade. E aí a minha atividade extra é essa, porque, querendo ou não, dá uma renda, entendeu? Material de arbitragem, moeda de *toss*⁷, essas coisas. Quando eu vou pros ENAF⁸, pros Congressos, sempre que dá eu levo e vendo e dá uma grana boa, viu? Aí acabou que por conta também do esporte também eu aprendi outra profissão. E eu vou lhe dizer, se eu não fosse concursada, talvez, se eu montasse uma empresa disso aqui, eu ia ganhar muito mais dinheiro do que o que eu ganho hoje. Eu gosto é de sofrer dentro da escola [risos].

M.L. – De tá lá com menino, né? Patrícia, qual é a tua rotina e a tua organização das atividades diárias, para que você possa conciliar a arbitragem, teu trabalho e a sua outra fonte de renda?

⁷ Em português, sorteio.

⁸ Encontro Nacional de Árbitras de Futsal.

P.M. – Então, o meu trabalho, eu entro na escola de sete, saio de onze, volto de uma e saio às dezessete. Então de sete as dezessete eu fico prá escola. Geralmente eu saio de cinco horas da tarde da escola e eu treino aqui na Praia do Aterro. Eu entro aqui de dezessete e trinta e seis horas eu começo a treinar. Quando eu... Eu treino aqui dia de segunda, quarta e sexta e às vezes no sábado. Quando eu não tenho escala, aí beleza, eu fico de boa em casa - isso se considerar quando eu tô trabalhando, né?

M.L. – Isso.

P.M. – Aí assim, eu venho treinar. Quando tem escala, é só à noite. E daí como o Falcão, que é quem faz as escalas, ele sabe que eu só tô desocupada depois das dezessete, aí geralmente ele me bota dezoito e trinta, dezenove horas, prá dar tempo eu sair do trabalho e me organizar prá poder ir. Muitas vezes, dependendo do jogo que ele queria que eu faça, tipo, não dá nem tempo... eu passo em casa, pego a bolsa e já sigo pro ginásio, porque senão não dá tempo chegar. Mas assim, por exemplo, essa outra atividade aqui, como eu faço por encomenda, eu organizo tudo direitinho e geralmente eu faço tarde da noite. Quando eu chego que termino tudo que tem prá fazer, aí é que eu vou sentar prá fazer essas coisas, entendeu? Então acaba que dá prá conciliar direitinho. Agora, por exemplo, no final de semana eu já deixo claro na Federação que se for prá trabalhar no domingo, só se for no domingo de manhã, porque à tarde eu tenho que descansar, senão eu já começo a segunda-feira cansada. E aqui eles têm uma mania, às vezes, de tipo, você começa a trabalhar de manhã e eles querem que você fique o dia todinho, entendeu? Aí eu disse: “Não, meu filho, não tenho condições não, porque eu não vivo prá apitar não. Eu tenho que descansar, fazer outras coisas, porque senão não dá. Passo a semana focada no trabalho...” Agora eu posso me dar esse luxo, porque como eu tenho outra renda... Mas assim, infelizmente, tem muitos colegas que vivem só da arbitragem. Então eles precisam, de fato. Quanto mais jogos, mais eles... Melhor vai ser a receita.

M.L. – E a questão do treinamento físico, como é que você faz para estar pronta para estar em quadra atuando? Faz algum treinamento específico? Como é que você organiza sua vida profissional com a sua função de arbitragem que requer condicionamento físico?

P.M. – Olha, assim, é... Só prá você ter uma ideia. Eu recebi alta da minha cirurgia em maio, só que como eu parei de treinar desde dezembro, e eu já... na verdade eu já vinha aumentando de peso, pois eu tive um problema, minha mãe faleceu em 2017, então... O ano de 2017, nem tanto, mas o ano de 2018, quando meu pai casou de novo, prá mim foi muito difícil, sabe? Eu beirei uma depressão, aumentei de peso... é... Ainda trabalhando, ia prá Federação e treinava direitinho na práia... Mas assim, eu aumentei muito de peso e acaba que esse ano, mesmo eu tendo recebido alta em maio, por me sentir pesada, eu preferi não voltar a apitar ainda. Por quê? Porque assim, eu não gosto de apitar se eu não tiver bem fisicamente. Porque assim, eu gosto de correr, de tá ali perto da bola prá evitar que as pessoas reclamem, porque uma coisa é você errar estando perto da bola, outra coisa é você errar estando longe, entendeu? E aí, por esse motivo, eu não quis voltar, porque eu... Aí voltei a treinar agora. Como é o meu treinamento? Eu treino com um personal, o Edilson, ele é um cara muito experiente, assim, o pessoal do campo sempre treina com ele pros testes físicos e a gente faz um treino muito voltado prá arbitragem mesmo, e agora mudou o teste físico, né?

M.L. – Foi.

P.M. – O teste CBFS. Então assim, desde o ano retrasado, 2017, que a gente fez uma adaptação do treino já para o teste físico. Entendeu? Então o nosso teste é muito de simular o teste físico, teste de tiro, sabe? Então, assim, não tem muito segredo não, é correr [riso]! É basicamente isso.

M.L. – Patrícia, e a questão das atualizações? Como e qual a periodicidade das tuas atualizações de futsal?

P.M. – Você fala em relação às regras?

M.L. – Sim. Nesse âmbito de Federação...

P.M. – Ah, tá. Então, esse ano eu fui pro ENAF, que aconteceu em Pernambuco, em Cabo de Santo Augustinho, vizinho à Recife. Lá teve palestra com o rapaz da CONMEBOL⁹, que agora eu não me lembro o nome dele, né, a Renata tava lá, a Catu estava também, Pomeroy, Paraguassu. Teve outras palestras, mas teve a palestra do rapaz da CONMEBOL, que falou exclusivamente de regras. E como esse ano eu... Nessa época do ENAF, que foi em fevereiro, eu já tava machucada e aí eu cheguei a ler, mas assim, eu confesso que eu não parei para estudar. Então eu, sendo muito sincera, eu estou um pouco desatualizada. E como eu não pretendo voltar a apitar esse ano, eu tô treinando fisicamente prá perder peso, prá quando chegar no final do ano que for fazer o teste, eu tá bem já. Mesmo sem tá apitando, né? Mas geralmente, Dôra, aqui prá nós do Nordeste, nós temos a opção do ENAF e do Congresso Nacional, que geralmente é lá embaixo, né?

M.L. – Isso.

P.M. – Já fui duas vezes prá o Congresso Nacional, e pro ENAF, eu acho que eu só não fui no ano que foi em Sergipe, em Aracaju. Mas geralmente eu gosto de participar, por vários motivos: o principal, dá gente se atualizar, e o segundo, de encontrar os amigos, né? Que eu acho até que o momento mais legal é o de encontrar os amigos [riso]. Sempre que eu posso, eu tô participando dos encontros que há, prá tá discutindo regras... Inclusive o whatsapp facilita muito também, né?

M.L. – Oh!

P.M. – Porque, às vezes, aparecem uns vídeos aí de alguns jogos – hoje todo mundo filma um jogo – e aí sempre rola uns recortezinhos, a gente conversa ali: "Olha, isso pode, não pode, tá errado. Era prá ser isso, era prá ser aquilo", e acaba que ajuda muito também. É uma ferramenta que quando ela é bem utilizada...

M.L. – E a Federação, ela promove essas...

P.M. – Na Federação todo mês tem reunião! Aqui, *todo mês*, uma vez por mês, tem reunião e aí é tratado sobre regra, é falado sobre os erros que são observados nas quadras durante

⁹ Confederação Sul-Americana de Futebol.

os campeonatos. Tudo isso ele... Quando tem alguma atualização da CBFS, aí eles sempre falam, quando existe uma dúvida no grupo, o Diretor sempre entra em contato com Paraguassu, aí ele dá um retorno, entendeu? E em relação a isso, a Federação Cearense, ela sempre busca ajudar a arbitragem, sabe?

M.L. – Patrícia, a tua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, mudou ao longo desses anos de arbitragem?

P.M. – Ah, eu acho que muda viu, Dôra, porque assim, a gente vai aprendendo os atalhos, né? A gente vai... Como é que as meninas falam? Usando a regra 18, né? Então assim, no começo você quer fazer tudo muito correto, como tem na regra, mas muitas vezes, você precisar fechar os... Como eu falei até há pouco tempo, às vezes, você precisa fechar um pouquinho o olho prá regra e ir à sua intuição, na leitura do jogo, né? O cartão amarelo que você segura aqui prá soltar ali na frente e assim vai. Eu acho que muda mesmo. Não que eu... Eu nunca fui assim, porque eu fui atleta também, né? Daí muitas vezes a gente... Eu, como árbitra, às vezes me coloco ali no lugar do atleta, sabe? Da seguinte forma: olha, essa falta aqui merecia ser apitada. Se eu tivesse ali como atleta... Eu lembro que na época que eu joguei futsal, eu era muito habilidosa e eu apanhava muito, mas nunca gostei de prender a bola e eu ficava chateada por isso, porque eu apanhava sem bola. Então é uma coisa que eu observo muito assim, por exemplo, a bola tá ali, mas eu fico de olho aqui também, entende? E isso a gente vai observando, porque logo quando você começa apitar, a sua tendência é olhar prá bola. Você foca ali na bola, o pau canta ali, você nem vê. E aí aos poucos você vai aprendendo a levantar a cabeça, a usar toda a sua visão periférica, a ouvir aqui e fingir que não ouviu ali... Assim, eu já sou surda por natureza, e às vezes eu tô num jogo... Aqui em Fortaleza tem uns caras que se tiver alguma coisa: "Seu filho da puta!" E ele quer parar o jogo prá botar o cara prá fora do ginásio, sabe? Aí como eu sou surda, às vezes eu escuto, mas eu finjo que não escuto, entendeu? Eu vou lá tá fazendo confusão com o cara da arquibancada, entendeu? Aí quando pára: "Tu não tá ouvindo não?" "Não, tô ouvindo não. Ele tá me esculhambando?" Porque assim, não adianta! E assim, eu já apitei com várias pessoas diferentes e sempre vai ficando um pouquinho de cada um. Teve uma vez um árbitro que chegou prá mim e disse assim - o Marquinhos daqui - disse: "Olhe, você tem que ser mais esperta que o jogador. Por exemplo, ele comete uma falta prá amarelo que só você viu, é amarelo; se tu for abrir prá esse amarelo, beleza, tu não tá

errada, tu tá cumprindo a regra, mas se só você viu, você vai colocar *toda* a torcida do ginásio contra você, então deixe prá dar amarelo aquele que todo mundo já grita "Amarelo!", né? Que aí não dá problema". Então assim, isso a gente vai aprendendo com o tempo, você vai observando um árbitro aqui, outro arbitro ali, aí você comete um erro aqui, depois você... Aí quando você for num outro jogo, você já não vai errar aquilo. Já aconteceu muito comigo, de eu errar uma coisa aqui e eu sou muito assim, por exemplo, aconteceu uma situação aqui que eu fico na dúvida, mas eu apito. A primeira coisa que eu faço, quando eu saio da quadra e que chego em casa, é olhar no livro de regra se eu fiz certo ou se eu fiz errado. Aí se eu fiz errado, eu fico ali: "Meu Jesus..." Nunca mais eu erro aquilo ali. E assim vai... Mas que mudou, *com certeza*, mudou. A gente vai... Até a forma de você falar com o atleta, que no começo você não quer falar, já quer logo amarelar e tal. Hoje não, hoje você já dá uma satisfação, sabe? Não sempre! Não é isso. Eu pelo menos, dependendo da forma como o atleta chega prá falar com você, aí você já dá ali um retorno prá ele: "Não, olha, foi isso e isso aqui e tal", porque você acaba ganhando a simpatia do atleta também, o respeito... Mas que já mudou, já, viu? [riso].

M.L. – Patrícia, alguma regra ou alguma forma de organização das árbitras ou da própria Confederação de futsal, com relação à arbitragem feminina, mudou durante o tempo em que você faz parte do quadro?

P.M. – Espera aí, desculpa. Repete aí.

M.L. – Alguma regra ou alguma forma de organização da arbitragem feminina da Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal, ela mudou ao longo desses anos que você faz parte do quadro nacional?

P.M. – Não. Que eu saiba não, porque também, assim, sabe Dôra, eu cheguei... Quando eu entrei no quadro nacional, eu entrei num período muito difícil da Confederação. Então olha, prá você ter uma ideia, eu entrei no quadro nacional, se eu não me engano, em 2013. Tem seis anos e eu fiz três competições, entendeu? Dessas três competições, duas femininas. E foi uma em 2013, no ano que eu entrei, e outra em 2014 ou foi 2015. Então, assim, quando... Em uma década antes disso, digamos assim, você tinha competição o ano todo. Não é? Em todos os lugares do Brasil. Você ia pro Norte, você vinha pro Nordeste,

você ia pro Sul. Então assim, quando eu entrei, eu já peguei o período das vacas magras e já não tinha tanta competição assim, e as que têm não dão mais prá tá levando o povo, porque a desculpa que eles dão é: “Não tem dinheiro prá levar”. Então acaba que a gente vai prá uma competição... Por exemplo, eu fui prá uma competição - a última que eu fui feminina que foi em Teresina - tinha eu, Alane e tinha dois árbitros homens de lá, coisa que antes a Confederação só levava mulher, entendeu? Então assim... Aí tinha uma árbitra de lá. Eram três árbitros de lá, eu e Alane do Nordeste, vizinho de Teresina e... Eu não me lembro quem era a outra pessoa. Mas assim, o que eu tô querendo te dizer, é que de lá prá cá, de quando eu entrei prá cá, foi diminuindo as competições e, conseqüentemente, praticamente o quadro feminino não se vê... Não tem muita... Acho que na verdade a única alteração que houve foi a do teste físico e algumas regras. Mas que isso é prá todo mundo, né, não chega a ser uma mudança... Pelo menos... Não que eu saiba, assim... Eu me sinto muito bem no quadro feminino. Sempre fui muito bem recebida, sabe? Desde... Eu ainda era Federada e vocês me receberam super bem, daí o interesse de querer ir pro quadro nacional, porque vocês me receberam bem e eu vi que vocês apitavam bem e eu disse: "Eu quero ser igual a elas aí". E aí fui me esforçar prá ser do quadro nacional. Mas eu acho que não tem nenhuma alteração não.

M.L. – E como é a tua relação com a tua Federação? E com a própria Confederação? Como é que fica essa relação institucional?

P.M. – Olha, aqui com a minha Federação, nós temos uma relação muito profissional. Eu não tenho intimidade, assim, *amizade*, aproximação com os meus Diretores. Não. É uma coisa muito de respeito mútuo, sabe Dôra? Eles sempre me trataram com muito respeito e eu também... Quando eles me escalam que dá prá eu cumprir, eu vou lá e faço direitinho, dificilmente recebo reclamação. Eu não tenho *vínculo*, assim, sabe? Eu acho até que muitas vezes... A impressão que eu tenho é que eu não recebo mais escala porque prá eles eu não preciso, entende? E aí como tem um... Como eu já falei, tem alguns árbitros que vivem da arbitragem e aí os caras ficam lá, puxando o saco, precisando e tal e perturbando. É tanto que tem um grupo da Federação Cearense que quando sai à escala que você olha, sempre são os mesmos. Cê tem um quadro de mais de cem árbitros onde *vinte* apitam praticamente todo dia. É sacanagem, né? Só que assim, quando eu entrei, eu era mais questionadora, sabe? Eu era mais questionadora e eu comecei a perceber que o meu Diretor não gostava.

O cara militar, altamente machista, sabe, mas muito respeitador; assim, eu nunca tive nenhum conflito com ele não. Só que quando eu começava a... Inclusive coisas de regra mesmo, que eu conversava... ô... Conversava muito com Alane, conversava muito com Renata, né? Renata, principalmente, que *gosta* de conversar sobre regra... E aí quando eu começava a questionar ele já ficava com raiva, achava que eu... Não... Tipo assim, como se eu quisesse... Aí eu comecei a perceber, Amadeu começou a dizer: "Papati, não gasta teu tempo não. Não perde tuas forças com isso não". Aí eu comecei a ficar mais na minha, entendeu? Então assim, isso era na época que eu tava crescendo, subindo, entendeu? Aí depois que eu comecei a perceber que realmente, nada que eu quisesse fazer prá melhorar iria adiantar, porque só dava certo o que ele queria, aí eu comecei a ficar na minha. Então... Hoje eu vou prá reunião, fico lá sentada, escuto, porque eles dizem que se não for prá reunião, não recebe escala. E aí eu fico lá na minha, mas assim, é uma relação muito amigável, digamos assim. Eles me respeitam, eu respeito eles, quando tem escala que dá prá eu assumir, eu assumo. Muitas vezes nem dá, mas eu dou um jeitinho, porque o Falcão que é o que escala a base – o adulto é o Diretor - aí ele: "Vamos, amiguinha, ajuda aí, porque hoje eu tô sem árbitro". Aí eu vou e quebro o galho dele. Mas assim, é boa, sabe? É... Eu acho que eles se esforçam. Acho que a nossa Federação poderia ser mais forte, principalmente a condução de arbitragem... É... Isso não é só uma fala minha. A gente... É porque ninguém tem coragem de chegar prá ele e falar, mas eu acho que o meu Diretor já devia ter saído do cargo, porque tá velho, não é que ele esteja velho, velho, eu digo velho das ideias, entendeu? Então eu acho que ele já podia ter renovado, botado uma pessoa mais nova. Você tem árbitro aqui, Dôra, que os caras não dão uma carreira prá ninguém. Teste físico ninguém faz; só quem faz teste físico aqui são os árbitros CBFS. Então assim, os caras chegam imensos de gordos, e não querem correr, e é apitando de qualquer jeito, conversando com a arquibancada... São umas coisas que, na minha cabeça, não entram. E ele sabe e nada faz, porque o foco dele é o adulto. Então no adulto ele escolhe ali o que ele considera os melhores prá colocar lá... Sabe? É o carro chefe da Federação, o campeonato ouro da Federação. Mas... É... Eu gosto deles, já fui mais magoada, porque há um tempo atrás eu achei que eles poderiam ter apostado mais em mim... Como eu te falei, quando eu queria, sabe? Eu queria era ser FIFA! Eu disse: "Não, eu sou CBFS, mas eu quero ser FIFA!" E assim, tinha tudo prá ser, não é ser soberba, não é modesta, não é nada disso. Eu acho que tinha tudo prá ser, mas ele não apostou. Tinha tudo

prá ser em que situação? Ele me colocasse prá fazer adulto, todo final de semana eu fazendo a rodada do adulto, sabe?

M.L. – A canja é outra.

P.G. – *É lógico! Com certeza!* A pressão da torcida é outra, sabe? Então assim, me colocasse prá fazer um jogo adulto e de repente chega uma oportunidade de ir prá uma Copa, uma Taça Brasil Especial adulto feminino, que seja, sabe? E que é onde está a elite do futsal feminino, as melhores equipes, e aí você de fato vai poder mostrar o seu trabalho... Mas não, primeiro porque nem tem competição, segundo que ele também não me coloca prá trabalhar em jogos que eu poderia, de fato, mostrar que... Mas, enfim... Em relação à CBFS, é muito tranquilo, porque hoje a gente tem o Paraguá de Diretor. Quando a gente se encontra nos eventos de futsal, a gente se cumprimenta e ele é muito carinhoso também, atencioso com todos, né? E a gente sempre conversa um pouquinho, mas não tem nenhuma restrição, sabe? Das vezes que eu fui convocada, eu fui muito bem recebida, trabalhei direitinho. Eu não tenho nenhuma reclamação a fazer, né? Fico triste porque a modalidade que podia ser mais forte, quebrou que apartou, né? Como a gente fala aqui em Fortaleza. E daí diminuiu as competições. Hoje só tem competição se o lugar arcar com tudo. E vamos combinar que ninguém tem dinheiro, né?

M.L. – A situação que está hoje... E a relação de Patrícia com os outros árbitros da sua Federação, com as outras árbitras do quadro estadual, do quadro nacional? Como é que é essa relação?

P.M. – Dôra, eu sou uma pessoa muito boa, muito tranquila e eu gosto muito de ajudar todo mundo. Então... É... Se você achar uma pessoa que não goste de mim, minha irmã, você pode ir atrás que quem não presta é ela, porque... [riso]. Eu me dou bem com todo mundo, assim, eu gosto de conversar, eu respeito, eu não gosto dessa história de tá em beira de quadra falando que fulano errou, comentando o jogo. Não. Eu não gosto não, eu fico ali... Eu gosto de assistir jogo, principalmente em televisão, e eu comento prá mim, em casa, sabe? Assim, no máximo com Marcos Brígido. A gente conversa ali: "Marquinhos, o lance tal, assim...", mas muito mais como uma forma de aprender, não necessariamente prá queimar o meu colega, sabe? Assim, eu quando vou trabalhar com

eles, geralmente quando é alguém mais novo, que, tipo, acabou de fazer um curso, aí eu vou, converso, oriento: "Olha, vamos fazer a mecânica assim e tal". Deixo a pessoa bem à vontade e só peço que faça a mecânica correta: "Olha só, eu gosto de correr, então sempre vá prá bola, ataca a bola. Você vai prá a bola e eu vou passar pro outro lado e tal". Dou as orientações, mas assim, *jamais* querendo me sentir superior a ela, sabe? Eu sempre fui muito tranquila. Os meninos aqui - nós não temos muitas árbitras - mas assim, têm muitos árbitros e *todos* eles me tratam com muito respeito, com muito carinho, sabe? Eu acho que é muito reflexo do que a gente oferece, né? Como eu trato todo mundo muito bem, a tendência é que as pessoas me tratem bem. É... Em relação às meninas, por exemplo, nós temos um grupo reduzido e a gente sempre se encontra. Ontem mesmo eu fui comer caranguejo com três anotadoras, né? A Fernanda não pode ir porque tava trabalhando, eu acho. Mas assim, a gente, sempre que dá se encontra. No final do ano tem a nossa confraternização, só a mulherada, sabe? E isso é muito bom e facilita. Quando eu vou trabalhar, eu até prefiro que seja uma das meninas, porque eu sei que elas são mais atenciosas, eu sei que numa dúvida eu posso ir lá perguntar, elas estavam assistindo o jogo, dá prá ajudar. Tudo isso faz diferença, né? Mas no geral é muito bom. Em relação à CBFS também. Eu conheço alguns dos meninos, dos encontros, dos congressos; as meninas, nós temos o grupo que você já sabe... Eu também me dou muito bem com todas elas. Rapaz, é como eu disse, se tiver alguma pessoa aí que fale mal de mim prá você, minha irmã, você pode ter cuidado com ela [risos], porque eu costumo tratar todo mundo com muito respeito prá que...

M.L. – Patrícia, ao longo da sua carreira, você acha que recebeu tratamento diferenciado por ser árbitra? Por parte de dirigentes da Federação ou da própria Confederação?

P.M.– Não. A Confederação não, porque assim, o contato que a gente tem com a Confederação é praticamente nenhum. Não é? Assim, a escala vem, você diz se aceita ou não aceita, e aí já vem passagem, já vem tudo dizendo quando é que você vai e tal, e lá você é de igual prá todos, pelo menos comigo foi assim. Na Federação, às vezes... Hoje não mais, porque é como eu lhe disse, hoje eu já não me incomodo tanto, sabe? Mas é como eu já falei, às vezes, eu sentia assim que, por exemplo, jogo tal dava prá eu fazer, mas não fazia porque eu sou mulher. Essa atenção diferenciada que poderia ser, sei lá, um *benefício*, acabou que eu particularmente nunca me senti beneficiada por ser mulher não.

Muito pelo contrário, eu acho que algumas vezes eu não peguei diversos... Tipo assim, se eu fosse homem eu já estaria fazendo adulto há muito tempo.

M.L. – Hum...

P.M. – Entendeu? Eu não tenho dúvida nenhuma disso. É basicamente isso. Por ser mulher, eles seguram um pouco mais, sabe? Dizem: "Não, não tá preparada ainda não". Do tipo dos meninos, na minha frente, chegar pro Diretor e dizer: "Olha, coloca ela aqui comigo. Coloque comigo que eu seguro. Bote!" Incentivar prá ele botar e mesmo assim... Ele coloca? Entendeu? Assim, eu não tenho dúvida nenhuma que a diferenciação é nesse sentido, assim. Mas nunca me senti beneficiada e... Na Confederação, como eu já falei, nada. Na Federação, eu sinto um pouco da *resistência* por ser mulher. Posso até tá enganada, mas a impressão que passa é essa.

M.L. – E com relação aos dirigentes, as comissões técnicas, jogadores, jogadoras, há esse... há em algum momento esse tratamento diferente por você ser árbitra?

P.M.– Olha, assim... É... Às vezes acontecem ali no calor do jogo... Hoje não mais, porque eles já me conhecem, já tem alguns anos que eu estou como árbitra da Federação e quando eles vêem o escudo da Confederação aí é que respeita mais, né? Mas logo no começo, quando ninguém me conhecia, sempre rolava uma pequena desconfiança, né? Principalmente da comissão, mas não por parte do treinador. Às vezes um, um... Chega!

M.L. – Roupeiro, massagista?

P.M.– É, exatamente. Esse povo que não tem tanta importância no jogo, tá entendendo? De fazer um comentário... "Tinha que ser mulher! Não sabe apitar". Sabe? Tipo isso. Mas aí você vai lá, bota prá fora, pronto, acabou, aí ninguém fala mais, né? Tipo isso. Mas assim, por exemplo, os meninos, hoje... É... Quando eu comecei a apitar, eles me colocaram muito no de base, nos pequenininhos. Então eu meio que fui crescendo com eles. Eles foram mudando de categoria e eu fui acompanhando. Então, também nunca tive muito problema com os meninos, os atletas, porque eles cresceram ali me vendo apitar, né? As meninas, como eu já falei... Há um tempo atrás, quando eu comecei a jogar nos Jogos dos

Servidores, que eu montei o time, eu pegava meu time e ia treinar. Um dia ia treinar com uma equipe, fazia coletivo, amistoso, né? Aproveitava a quadra do povo prá ir lá treinar e eu comecei a perceber que as meninas começaram a criar uma intimidade. Não uma intimidade íntima, não é isso. Mas de ter aquela liberdade de chamar pelo nome, de falar uma brincadeira, alguma coisa assim, mas tudo com muito respeito. E eu comecei a perceber que quando eu ia apitar, aquelas mesmas meninas que no dia de quarta-feira tava lá batendo racha, quando era no final de semana que eu ia apitar, elas queriam me cobrar aquele nível de amizade lá do racha, entende? E aí foi quando eu parei, cheguei pro meu time e: "Não, galera. Parou aqui. Não dá prá gente treinar com elas não. Ou a gente arranja os alunos da escola prá jogar ou então ninguém joga. Joga só no dia lá do jogo mesmo. Se junta e vai jogar, porque me atrapalha na quadra". Ninguém pode confundir. Eu lembro que teve um lance aqui que eu expulsei uma amigona minha numa semifinal de Campeonato Cearense adulto. Jogo ali super pegado... A minha amiga soltou a bola e deu o cotovelo. Pegou no rosto da outra. Na mesma hora eu expulsei. Aí ela passou quase um ano sem falar comigo, porque o time dela foi prá final, mas ela não pode jogar porque foi expulsa, né? E eu fiz realmente o que eu tinha...

M.L. – Os papéis se confundiram, né?

P.M. – Exatamente. Aí ela falou: "Não, mas você não podia ter me expulsado, bastava um amarelo". Aí eu: "Mas eu não podia dar um amarelo se você na frente de todo mundo soltou o cotovelo no rosto da outra. Você foi maldosa". Aí pronto, aí passou mais de um ano sem falar comigo e tal. Mas assim... Eu acho que nesse caso, as meninas, quando conhecem, elas tentam... ali... sabe? De alguma forma querer levar vantagem. É porque é minha amiga, não sei o quê, mas comigo não tem isso não, viu? Comigo não tem isso mesmo. A minha melhor amiga, a minha melhor mesmo, que é Linda Lene, lá do Rio Grande do Norte, que ela fez faculdade comigo, inclusive fez curso da Federação Cearense, tinha tudo para entrar no quadro nacional, mas ela é do interior do Rio Grande do Norte, muito distante da capital, daí ficava difícil de cumprir as escalas, sabe? E ela acabou que recebeu proposta prá voltar a jogar e ela ganhava dinheiro jogando e tal, voltou. Quando... Ela joga hoje pela equipe de Limoeiro do Norte, que faz parte aqui do Campeonato Cearense. Quando ela vem jogar aqui, que eu vou apitar o jogo dela, ela não olha nem prá mim, porque ela sabe que não adianta e se ela fizer errado, eu vou botar prá

fora, entendeu? Então assim, a gente já tem isso combinado. Antes do jogo se cumprimenta, abraça, porque a gente mora longe uma da outra, mas assim, na hora do jogo, acabou-se. Se tiver que apitar a falta, eu apito; se tiver que expulsar, eu expulso, sabe? E ela respeita muito isso também. Ela é muito profissional prá entender que eu tô ali trabalhando. Qualquer coisa que eu venho a fazer... E acabou o jogo a gente volta a se abraçar e cada um se despede e cada qual vai pro seu canto. É basicamente isso. Se eu disser prá você assim, que eu me sinto ofendida, eu estaria mentido, sabe Dôra? Eu gosto. No dia que eu sentir que eu tenho mais raiva do que prazer, eu paro. Não tem isso.

M.L. – Patrícia, e com relação às torcidas, ao longo dos teus anos de arbitragem, quais foram às manifestações mais comuns? Houve xingamentos, houve palavrões? O que você notou com relação às torcidas e o teu trabalho de árbitra, dentro de uma partida de futsal, seja ela masculina ou feminina?

P.M. – Rapaz, acontece. A galera xinga mesmo, principalmente campeonato de base. Os pais. *Os pais* são os que mais lhe esculhamba. *As mulheres* então... por incrível que pareça. Aqui, eu acho as mães *mais agressivas* do que os próprios pais. Eu lembro que eu tenho uma amiga que ela tava aqui de passagem, aí foi comigo ver um jogo. Eu disse: "Olhe, eu tô indo fazer um jogo ali. Você quer ir comigo ou vai ficar em casa?" Aí levei ela e outra amiga. Elas estão lá na arquibancada e eu apitando o jogo. Aí disse que tinha uma senhora do lado, danada me esculhambando: "Essa *rapariga de soldado*, não sei o que é que ela quer com esse apito na boca..." E eu lá de primeira árbitra, do outro lado da quadra mesmo, e eu nem escutava nada. E elas disseram que já tava ficando demais aquela mulher, xingando, dizendo: "Sopra essa porra!" O povo esculhamba mesmo, viu? E detalhe, muitas vezes, não tá acontecendo nada no jogo que precise de uma esculhambação dessa e o povo tá lá xingando, porque a cultura do brasileiro, é de achar que foi árbitro, você tem que xingar, né? Às vezes, o pobre do árbitro nem tem culpa, mas tá lá: "Vai morrer, vai morrer!" Enfim [riso]... Mas assim, já melhorou muito também. Como eu te falei, com o tempo você vai ganhando o respeito das pessoas, você vai mostrando o seu trabalho e aí as pessoas vão percebendo que você corre, que você tenta ser o mais justo, que você apita prá um lado, mas que você apita pro outro também, e isso vai fazendo com que a torcida vá te respeitando. Eu... Quando eu vim prá Federação, eu já tinha uma certa experiência, e da *favela mesmo*, do subúrbio! Então, o que acontece? Eu fui *pouco xingada*, ainda sou

xingada, porque quem disser que não é xingada tá mentindo. Ainda sou xingada. Mas assim, no começo eu já fui mais xingada, hoje assim, como eu te falei, a galera... Eu fui crescendo junto com os pequenos e hoje os meninos já tão com dezessete, com vinte anos... E aí os pais já vão acompanhando tanto, já tá com tanto tempo que eu tô apitando, que eles já conhecem o meu estilo. É tanto que tem treinador que já fala: "Olha, aquela menina ali, se fizer gracinha, ela dá amarelo. Se não respeitar..." Entende? E a torcida também já sabe e diz: "Olha, aquela árbitra ali, aquela é boa, aquela..." Sabe? É muito do trabalho que você apresenta, né? Eu já fui muito xingada, mas hoje... Ainda sou, mas já diminuiu, viu?

M.L. – Já houve casos de agressão física?

P.M. – Não, nunca. Nunca. Agora assim, teve uma vez que... É... Inclusive foi até nesse jogo que eu expulsei essa minha amiga que eu falei da cotovelada. O jogo dela estava pegadíssimo, aí o time que perdeu, que supostamente não foi beneficiado, porque realmente a menina precisava de um vermelho. Tiveram outras de segundo amarelo, prá vermelho e tal e o time perdeu. Quando acabou o jogo, a menina invadiu e veio me xingar; assim, me agrediu, mas verbalmente. Não sei se ela veio prá bater em mim, mas logo ela foi contida pelo povo do time dela, entendeu? Daí não chegou a ter nenhuma agressão física. Eu fiz o relatório e tal, daí não sei nem o que é que deu, porque aqui também só tem... Só tem tribunal prá adulto masculino, então... E outra vez, eu apitando no Rio Grande do Norte, num campeonato lá, num campeonato no interior, a Copa Ágile, muito boa a Copa, uma Copa que reúne equipes de vários lugares do Brasil... A final era entre a equipe de lá, com uma equipe daqui. As meninas daqui já me conheciam e eu lembro que elas perderam o jogo faltando, tipo assim, vinte segundos, tomaram o último gol da virada, sabe? Tava empate e elas jogavam pelo empate, não sei o quê. Quando acabou, aí a menina ameaçou vim prá cima de mim e aí no que ela veio, eu fechei a mão aqui e disse: "Vem!" Aí, tipo assim, deu uma de louca, né? Foi bem na época que ia ter eleição e a cidade tava sem delegado, tava sem polícia, e por incrível que pareça, antes do jogo, conversando com a menina lá da arquibancada, ela me disse: "Não, aqui não tem polícia não". E eu já tava prevendo, porque o ginásio pequeno, lotado, time da casa... Eu disse: "Rapaz, era bom ter policiamento". "Não, mas não tem nem delegado na cidade por conta de problema aí de política, não sei o quê...". Aí, Dôra, não teve outra. Quando a menina veio, que eu armei

aqui: "Vem, agora eu tô..." Aí ela ficou naquele impasse, sabe? Aí a Sonale, que é uma menina que eu conheço há muito tempo, que é de Mossoró também, ela é mais nova do que eu, conheço desde que ela era pequenininha, aí ela foi e disse: "Não, peraí. Não vai..." - ela me chama de Patricinha, prá você ter uma ideia - "Cê não vai brigar com Patricinha não". Eu disse: "Deixa ela vim". E assim, na minha cabeça: "Não venha não", né [risos]? Mas: "Venha!" Eu me armei aqui e disse: "Vem, se tu és mulher. Tu vens, agora tu aguenta..." E o povo tudo gritando. Menina... Foram as duas únicas situações assim, que eu me senti ameaçada, entendeu? Mas das outras nunca aconteceu não; nunca fui agredida não. Uma esculhambação aqui e outra ali, mas nada que...

M.L. – Patrícia, e quando essa esculhambação vem da arquibancada e você olha e vê uma mulher proferir essas palavras de xingamento, de desrespeito. Qual a leitura que você faz desse quadro?

P.M. – Então, assim, eu fico muito triste, né? Porque nós mulheres, a gente vem lutado tanto pela igualdade, né? Assim... Pelo respeito, pelo avanço no mercado de trabalho, pela valorização de igualdade mesmo, e de repente você olha e vê outra mulher te ofendendo, outra mulher dizendo que o seu lugar era prá tá na cozinha, no fogão, né? Eu fico muito triste. Inclusive teve uma vez que eu tava trabalhando num jogo, no SESI¹⁰, e era dos pequeninhos. Aí nesse dia eu tava de segundo árbitro, eu tava perto da arquibancada, e a mulher xingava - acho até que era Alane que tava comigo - e a mulher começou a xingar Alane, daí a bola saiu e consegui passar pela rede e tal e o jogo parou. Aí eu fui e virei e disse assim: "Minha senhora, qual exemplo que a senhora acha que tá dando pro seu filho, xingando a outra árbitra? Se a senhora que é mãe xinga, ele vai se achar no direito de xingar também. A senhora acha que tá certa?" Minha irmã, as outras mães: "A gente já falou. Professora, faz é tempo que a gente briga aqui com ela. Ela tá fazendo todo mundo passar vergonha, mas não tem jeito". Oh, essa mulher se sentou e não falou mais nada, acredita? Eu acho que era Alane que tava comigo nesse jogo. Eu sei que eu tava de segunda árbitra, bem pertinho, sabe? Daí eu aproveitei, me virei e falei com ela: "Mulher, isso é tão feio!" Acho que era sub 9... "É tão feio! Seus filhos aqui. Tudo criança ainda. Qual é a imagem que vocês acham que tão passando prá eles? Que pode tá xingando todo mundo, que pode tá desrespeitando as pessoas desse jeito". Aí eu sei que as mães me

apoiaram e essa mulher se sentou e não falou mais nada. Mas assim, eu fico triste, sabe Dôra, mas eu acho que a paixão do brasileiro, acaba que... A falta de educação, não é nem paixão. A gente tenta justificar, né, mas eu acho que é muito mais uma falta de educação mesmo, porque nada justifica, né? Ninguém tá ali prá errar! Eu não entro numa quadra prá errar, muito pelo contrário, eu fico muito chateada quando eu erro, sabe? E as pessoas... E eu te falo que o meu compromisso com a arbitragem é tanto que eu ficava muito puta quando eu entrava prá jogar que o árbitro errava. Nossa! Eu ficava com uma raiva, sabe? Mas nunca fui... Eu nunca fui indisciplinada. Eu não me lembro nem se eu já cheguei a ser expulsa jogando futebol de salão, prá você ter uma ideia. E, assim, eu sempre penso... Como árbitra eu penso assim: "Puxa vida, ali tem um trabalho que é feito, né?" E eles treinam bastante, tem todo um dinheiro que é investido, assim, eu não posso deixar que eles percam tudo por minha causa, por uma displicência, por um erro meu, por falta de interesse... Assim, eu sempre lutei muito aqui na minha Federação, em relação ao futsal feminino, porque assim, os caras vão apitar o feminino, eles apitam de qualquer jeito. Aí no masculino eles dão o *máximo*, entendeu? *Sai tudo suado*. No feminino não cai uma gota, cara, de suor, sabe? Eu digo assim: "Rapaz, se você não quer vim, diga 'olhe eu não quero trabalhar em feminino não'". Porque tem os que querem e vão fazer bem feito. Eu fico muito triste, porque, nós mulheres, a gente se esforça tanto... Eu tenho isso na minha cabeça: eu procuro *sempre* fazer o meu melhor dentro da quadra, porque assim, se for homem: "Ah, é porque ele errou", se for mulher: "Não, é porque é mulher!" Entendeu? Então não tem como errar.

M.L. – A leitura é outra.

P.M. – Não, o cara tem direito de errar, mas quando é mulher, é porque é *mulher*, sabe? Infelizmente é essa a realidade. Então é o que eu sinto.

M.L. – No geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento entre árbitros e árbitras?

P.M. – Ah, tem!

¹⁰ Serviço Social da Indústria.

M.L. – Poderia citar?

P.M. – Eu acho que no geral mesmo, Dôra, a situação ainda tem o machismo da história, sabe? Assim, querendo ou não... Olhe, prá você ter uma ideia, Alane trabalhou aqui por anos - se eu não me engano ela fez cinco, seis anos de Federação Cearense ou mais. Desses cinco ou seis anos, sei lá, demorou dois prá começar a apitar adulto. Depois que começou a apitar adulto, foi escolhida *um ano* como melhor árbitra, sendo que merecia ter sido mais anos, mais vezes, entende? É... Mas assim, é como eu tô lhe dizendo, ainda existe o preconceito *camuflado*, mas existe. No fundo, no fundo, ainda incomoda as mulheres estarem fazendo algumas atividades onde prá sociedade tinha que ser o homem. Eu fiquei muito feliz quando agora no campeonato feminino, na Copa do Mundo feminina, o evento ter sido todo apitado por mulheres, né? Então isso já foi um passo muito legal. A nossa Confederação, desde que criou o quadro, passou muito tempo só colocando mulheres, né? Aí quebrou, não tem mais dinheiro prá continuar dessa forma, e com o tempo começou a misturar de novo, homens e mulheres. Mas agora, Luiz, em Pernambuco - não sei se você tá sabendo, deve tá sabendo – fará a primeira competição *masculina* apitada *só por mulheres*. Vai ser agora em agosto, em Pernambuco, em Recife.

M.L. – Não sabia não.

P.M. – Pois é, um sub 15. *Divisão especial*, viu!

M.L. – Que massa!

P.M. – Agora em agosto. Eu posso até olhar a data depois prá te falar, mas Luiz Cláudio, Presidente da Federação Pernambucana, exigiu de Paraguassu: "Quem tá pagando sou eu, eu quero que cê bote só mulheres". E aí ele disse: "Eu quero fulana, fulana, fulana, fulana... Só mulher!" E olha, é um sub 15, mas se a gente for olhar o nível do sub15, é *pegado!*

M.L. – Pegadíssimo!

P.M. – É coisa de correria! Então ele vai levar: Catu e Iane, as duas FIFAS; Fernandinha daqui vai participar; Gisele, do Rio de Janeiro, vai participar; não sei mais quem vai. Mas

assim, já tá certo, Paraguá já mandou as convocações, entendeu? Inclusive ele me sondou, mas eu disse assim: "Ah, opereí o joelho... Não fiz nem teste CBFS ainda. Não tenho condições". Fiquei super feliz com o convite, entendeu? Pela lembrança dele, mas fiquei mais feliz ainda pelas meninas, pela oportunidade delas fazerem um campeonato *masculino*, sub15, *divisão especial*... Só por mulheres!

M.L. – Mas Luiz, ele é visionário no...

P.M. – Ele é demais.

M.L. – Ele tem uma outra visão, né?

P.M. – Eu tenho um desejo muito grande que ele chegue à presidência da Confederação, porque ele é muito forte, sabe? Ele é muito vibrador, ele *gosta* de fazer as coisas acontecerem. Por isso que acontece. Hoje você tem a Federação Pernambucana, a mais forte do Brasil em termos de base. Campeonato de base só dá Pernambuco.

M.L. – Com certeza! Patrícia, ao que você atribui um número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

P.M. – Incentivo. Não existe incentivo, sabe? Não existe incentivo prá arbitragem, não existe incentivo prá que a modalidade aconteça. O futsal feminino, só prá você ter uma ideia, aqui o campeonato adulto, uma taxa de arbitragem - que eu nem sei quanto é porque esse ano eu tô afastada - mas vamos supor que seja 100 reais, um exemplo, o feminino eles pagam R\$ 30,00; R\$ 35,00, que é o valor que você vai pagar numa categoria sub 9, que você faz dois tempos de dez minutos, dois tempos de quinze minutos. Tá entendendo, Dôra? Então assim, eu tô citando como exemplo o valor financeiro, mas isso mostra como as equipes não têm condições, não têm incentivo, sabe? Não é que elas pagam isso, não é porque elas não querem pagar cem; elas pagam isso porque é o que tem prá pagar. E aqui já é ali juntando, cada um dá um pouquinho prá poder jogar, porque gosta de jogar, né? Mas assim, não existe incentivo por parte *nenhuma*, nem de governo, nem de clube... é... de incentivar, de patrocinar, de bancar o futsal feminino. Então é isso, se não tem jogo feminino, você não vai ter menina que queira um dia ser árbitra. É complicado, porque se a

gente for... Olha quantas árbitras que você conhece que não foram atletas de futsal. Você conhece alguma?

M.L. – Muito difícil.

P.M. – Não tem. Eu não conheço. Eu, particularmente, não conheço. Pode ser que você veja no futebol de campo, mas ainda assim, em algum momento da vida elas tiveram contato...

M.L. – Vivenciaram aquele espaço.

P.M. – É. Entendeu? Assim, então se você não incentiva que a modalidade aconteça, não tem como dali sair alguma árbitra, entendeu? É difícil.

M.L. – Oh! Patrícia, na sua opinião, o que poderia ser feito para que se aumentasse esse número de mulheres na arbitragem do futsal nordestino e, por consequência, também na arbitragem brasileira?

P.M. – Olha, o Luiz Cláudio, há algum tempo atrás, ele fez um curso em Pernambuco, em Recife, *só para árbitras*. Não sei se você ficou sabendo também?

M.L. – Fiquei.

P.M. – Pronto. E eu acho que isso é uma ação legal, sabe? A Federação... Inclusive eu mandei um vídeo para ele, falando um pouco da minha história como árbitra, me apresentando, prá ele divulgar lá com as meninas. Ele pediu isso a algumas pessoas, a algumas árbitras, e eu achei muito interessante, porque é uma forma de você mostrar que existe a arbitragem feminina. Às vezes eu tô conversando, por exemplo... Conheci um grupo novo de pessoas e a gente começa a conversar e eu digo: "Não, eu sou árbitra de futsal". Elas dizem: "Ah é?" Tem pessoas que nem sabem que existe a *arbitragem feminina*, né? Eu acho que talvez as Federações tivessem que fazer... A Confederação, na verdade, teria que fazer mais ações junto às Federações para divulgar essa modalidade feminina, para divulgar a arbitragem feminina, para poder gerar o interesse nas demais,

porque tem muita mulher que nunca foi atleta e que gosta de futebol. Basta você ir num estádio... Que muitas vezes ela até tem o interesse de querer saber como é, mas como não é do meio, não sabe como fazer prá se aproximar. Talvez se existissem ações de divulgação... é... da Federação, até mesmo nas mídias sociais que é de graça... Se divulgasse os... Até os cursos da Federação aqui, é uma coisa muito escondida, umas coisas mal divulgadas, sabe? As pessoas... Quando você fica sabendo que tá rolando o curso, já acabaram as inscrições, o curso já tá acontecendo, já tá é quase terminando. São umas coisas assim que a gente não entende, que não dá nem prá gente divulgar. Porque tem muita gente quer vim prá arbitragem porque gosta, mas muita gente quer vim como forma de segunda renda. O povo olha e acha que a gente ganha muito dinheiro, né?

M.L. – Oh [risos]! Patrícia, você percebe alguma diferença na condução das partidas, no portar-se, entre as árbitras do Nordeste e as dos demais estados do Brasil?

P.M. – Dôra, assim... Eu acho que não é nem uma questão... Olha, por exemplo, o pessoal lá de baixo, eles têm a ideia de que aqui em cima, Norte e Nordeste, nós não temos muitos jogos de futsal. Eles acham que o futsal aqui não existe. Só que o erro deles é generalizar. Por exemplo - com muito respeito, assim... - eu até me sinto um pouco constrangida, mas assim ô, por exemplo, o nível do futsal no Piauí, no Maranhão, pela quantidade de jogos que tem, com certeza é inferior ao do Ceará. Então uma coisa é você fazer um jogo por semana, outra coisa é eu fazer dez jogos por semana. Quanto mais eu apitar, melhor eu vou apitar. Subentende-se, né? Isso se eu tiver interesse de crescer, de querer ser uma boa árbitra. Então assim, como eu já... Eu participei de algumas competições e assisti outras competições e, por exemplo, as meninas do Norte... Eu trabalhei com uma menina de Roraima, e assim, eu não me lembro nem o nome dela, mas como isso não vai entrar na pesquisa, dá prá poder eu comentar. Ela era muito fraca. Ela devia tá no quadro, porque tinha vaga lá, tinha vaga prá preencher e a Federação colocou, né? Assim, no Piauí também, a menina é muito fraca, mas assim, é como eu tô te falando, provavelmente são poucos jogos e tal, você tá entendendo? Então assim, aqui você trabalhou com várias meninas aqui do Nordeste, eu trabalhei com poucas do Nordeste, mas eu tive a oportunidade de assistir elas trabalhando... Não vai mudar muito. Agora, sem dúvida, por exemplo, uma menina de São Paulo, com certeza a tendência é que se ela se dedicar tanto quanto uma do Nordeste, ela vai sair um pouquinho na frente, porque ela vai ter o couro

mais grosso, porque ela já trabalhou em mais jogos... Ela vai aprender a ter jogo de cintura e tal. No geral, assim, eu observo que... Também já vi umas lá de baixo trabalhar que pelo amor de Deus! Que você olha: "Não, tá errado". Né? Então assim, no geral, eu acho que nós temos boas árbitras em todas as regiões do Brasil. Não dá prá eu te dizer que as do Nordeste são melhores do que as do Sudeste ou do Sul ou vice e versa, mas sem dúvida nenhuma, quanto maior o fluxo de jogos, mais fácil daquele árbitro se sair melhor, né? Mas é como eu lhe disse, eu já muitos árbitros lá de baixo... muitas árbitras fazendo umas coisas que você fica sem entender, como já vi daqui também. Eu acho que é muito do esforço individual e do quanto você está disposto a querer melhorar, sabe? Do quanto você estuda, você se dedica, do quanto você cuida do seu físico prá tá bem na partida. Independentemente de onde você more, se você fizer direitinho, se treinar, se estudar as regras, se conversar, se debater... Porque, às vezes, a regra... Eu sinto dificuldade, às vezes, na regra, porque ela muito mal escrita em algumas partes. Ela é muito dúbia, né? Daí você entende uma coisa, outra pessoa já entende de outro jeito, e quem escreveu já escreveu pensando de outra forma.

M.L. – Em outra coisa [riso]!

P.M. – Então assim, no geral, eu não vejo muita diferença. É claro que uma ou outra árbitra se sobressai pelo tempo de experiência dela. Por exemplo, se você for comparar uma Gisele Torre, que tá aí há dez anos ou mais no quadro internacional, apitando competições internacionais, Liga Nacional, então assim, ela sem dúvida... A Renata, prá mim, é a melhor árbitra do mundo entre homens e mulheres. Então assim, eu sou muito fã da Renata, tá entendendo? Agora a Renata *come* a regra. A Renata sempre foi muito estudiosa de regra, sempre se preocupou muito com físico, sempre foi muito politicamente correta... Então, de fato, é diferenciada. E a Renata começou a trabalhar onde? Na Paraíba.

M.L. – Renata hoje é instrutora CONMEBOL.

P.M. – Exatamente.

M.L. – Está numa competição agora na Argentina, como instrutora CONMEBOL.

P.M. – Quando a Renata... Prá você ter uma ideia, Renata apitou jogo meu, eu jogando futsal. E assim, a Renata antes de ir prá São Paulo, ela já apitava muito. Não me surpreendeu, anos depois, de ver a Renata como FIFA. Doze anos depois que a Renata tinha apitado um jogo meu - me deu cartão amarelo e tudo e eu nunca esqueci - Renata é FIFA! Não me surpreendeu em nada! E é da Paraíba! Quando ela chegou em São Paulo, é lógico que ela despontou, né? Mas quando ela chegou lá, ela já tinha potencial. E vinha de onde? De um estado pequeno, a Paraíba.

M.L. – Patrícia, como é que você define ser mulher-árbitra no Nordeste Brasileiro?

P.M. – Ah, rapaz, é uma guerreira, viu [riso]? Não podia... Não podia fugir, porque só por ser nordestina, já tem que ser de força, de coragem. E ainda mais, querer ser árbitra num universo que ainda é - embora a gente tenha ocupado um espaço bem significativo - muito másculo, né? É um ambiente muito masculino. Então assim, eu me sinto uma privilegiada, sabe, de fazer uma coisa que eu gosto, de ser de uma região do país onde o povo é muito guerreiro, muito trabalhador, muito persistente, sabe? Eu acho que a palavra é essa, persistência. Assim, eu acho que se eu não fosse tão teimosa, eu teria desistido há muito tempo atrás, assim como todas as outras, porque chega um momento que você cansa, sabe? Aí você pára e: "Mas será que vale a pena isso?" Eu tô chegando nesse momento, sabe? Assim, eu já me dediquei muito, mas eu já tô mais prá parar do que para querer continuar. Tenho outros objetivos, mas assim, eu sou muito feliz, muito orgulhosa de ser cearense, de ser nordestina, de ter escolhido o futsal para ser árbitra e eu não me arrependo. Podia ter ido pro basquete, pro vôlei, pro handebol, mas não, eu escolhi o futsal. E mesmo com todas essas dificuldades, eu tenho um desejo muito grande de ver o futsal ressurgir, de ver a arbitragem feminina voltar a crescer, de voltar a ter várias competições, né? Vibrei agora com o Sportv transmitindo as meninas. Eu acho que todas nós que somos envolvidas com a modalidade, com a arbitragem feminina, assim, é uma conquista de todo mundo. Não é fácil, mas ainda é prazeroso. A gente ainda se diverte. Ganha pouco, mas se diverte.

M.L. – Aquelas lágrimas de Amanda, no final do jogo, quando ela disse que a conquista não era dela, que a conquista era de uma modalidade masculinizada, mas que, naquele momento, fazia-se uma quebra histórica de tabu, né?

P.M. – É. Exatamente!

M.L. – Canal fechado, para tá transmitindo jogo feminino!

P.M. – É exatamente isso. E, assim, aquela competição que eles transmitiram... Eles transmitiram duas seguidas, né? Então assim, foram dias ali, foram algumas horas por dia mostrando as meninas e ainda bem que elas se garantiram, né? Cê vê que a arbitragem foi muito bem. Agora assim, sem dúvida... Por exemplo, eu apitei Brasil e Argentina aqui e é um jogo com toda a rivalidade, mas é um jogo fácil de trabalhar, porque os atletas, eles, de certa forma, vendem suas imagens também. E ninguém quer vender a imagem de atleta indisciplinado, de atleta maldoso, de atleta mal-educado, entendeu? Então, de certa forma, não é difícil fazer um jogo desses. Brasil e Argentina, duas seleções, existe um empurra aqui, um empurra acolá, puxa, troca umas ofensas verbais, mas assim, nada que dê prá torcida perceber, entendeu? E aí, você no meio do jogo ali, também não vai querer chamar atenção. Eu, particularmente, o quanto mais apagada eu tiver, melhor.

M.L. – Passou até na Fox, esses dias - e aqui vou fazer até um recorte - que na Inglaterra, durante a Copa do Mundo Feminina, a audiência dessa competição bateu todos os recordes históricos em relação à transmissão de futebol naquele país. Eu fiquei assim: "Poxa! O quão essa copa feminina veio prá balançar as pessoas e fazer ressurgir questionamentos e colocações a cerca do domínio masculino de certos espaços esportivos..." Então assim, eu acho que a Copa do Mundo Feminina 2019, foi um marco prá discussões muito mais amplas do que o mero futebol, pois tem muita coisa por trás dessa prática esportiva.

P.M. – E é tão interessante que eu tava dizendo que no dia que o Brasil jogou, eu acho que... não sei se foi o primeiro jogo, foi um dia de semana e eu fui prá escola trabalhar. Aí eu botei a camisa amarela, aí... Já foi agora no final de semestre, em junho. Aí eu cheguei lá e disse: "Olha, eu acho isso um absurdo, porque se fosse à seleção masculina, tava todo mundo no bar, todo mundo em casa e ninguém tava nem aqui, tava todo mundo preparado prá ver o jogo; aí agora é feminino e o povo não sabe nem que tá tendo o jogo". Aí liguei a televisão lá na sala dos professores e disse: "Vamos assistir ao jogo agora, aqui". Mas assim, ainda falta muito, né? Ainda falta muito, porque... Não sei... Inclusive, aqui em Fortaleza, eu achei bacana, porque no jornal eles fizeram várias reportagens com algumas

empresas que *pararam* no horário do jogo, sabe? A galera ornamentou as empresas e tal e o pessoal assistiu ao jogo. Já é um começo! A quantidade de propaganda que passou dessa Copa...

M.L. – Foi mesmo. Massificando mesmo.

P.M. – Divulgando as meninas, falando da história delas e tal. Isso é muito legal, sabe? Tomara que continue, que não seja uma coisa pontual, porque foi Copa do Mundo e tal. Eu acho que tem que continuar prá fazer as pessoas acreditarem e sentirem prazer e se divertirem tanto quanto quando assistem o masculino.

M.L. – Patrícia, você poderia apontar quais foram às maiores barreiras que você encontrou ou encontra, ao longo de sua carreira, como árbitra de futsal?

P.M. – Olha, eu não sei nem te dizer se houve barreiras, porque eu sempre tive apoio da minha família e os meus amigos mais próximos também sempre apoiaram. Quando eu cheguei na Federação me colocaram prá trabalhar. Eu acho que a principal barreira que eu enfrentei e que ainda eu sigo enfrentando, eu acho que talvez, seja com os meus Diretores, né? Mas não são todos, sabe, eu tenho prá mim que tem um, que é o Diretor de todos os Diretores, porque assim, eles têm uma comissão, né?

M.L. – Hum.

P.M. – Daí é como eu já te falei ao longo da entrevista, eu tenho prá mim que o nosso Diretor é que fica botando o pé na coisa, entendeu? Então assim, eu digo isso em relação a trabalhar no adulto e despontar a nível do meu estado. De dizer assim: "Não, essa menina faz adulto também. Ela apita bem adulto masculino". De fazer jogo de televisão, de fazer final de adulto igual Alane fez, entendeu? Eu acho que ainda, a minha única barreira é ele, porque... Mas assim, é como eu te falei, eu também nem sei mais se eu quero, sabe? Porque chega um momento que a gente quer outras cobranças e aí eu também não sei se nesse momento da minha vida eu quero tá quebrando cabeça em tá ali treinando direto, de entrar para um jogo desse e não poder errar, porque tem muito dinheiro envolvido... Porque no adulto masculino tem mais dinheiro ainda envolvido. Então assim, eu também já passei

daquela fase de *querer muito*, entendeu? Hoje eu já não quero tanto. Eu vou voltar a treinar, passar no teste físico, prá ter o direito ao escudo e vou ficar à disposição. Se me colocarem, eu vou tá preparada; se não colocarem também não é uma coisa que eu vou tá remoendo, tá entendendo, Dôra? Eu já fiquei mais chateada com isso, hoje não mais. Hoje não é uma coisa que tire mais, assim, a minha paz. Antes eu ficava chateada: "Por que que não me coloca, cara? Bota esse cara que vive cagando o pau aí, que todo mundo reclama! Aí todo mundo chega prá mim e pergunta por que é que eu vou, por que é que eu não vou, por que é que eu não tô lá fazendo o jogo e ele não me bota..." Mas hoje eu já não questiono mais. Se vier, bem, se não...

M.L. – Patrícia, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino, brasileiro, sejam como atletas, como técnicas, como árbitras?

P.M. – Olha, primeiro como atleta. Como eu já disse, nós temos muitas atletas de futsal, e meninas de qualidade. Muitas. Mas falta... Eu acho que... Na verdade, assim, eu acho que falta uma política que coloque, que insira de fato, o esporte dentro da escola. Hoje a gente não... Embora a Educação Física tente trabalhar o esporte, mas não trabalha como deveria. A escola, ela não desenvolve o esporte como deveria. Eu vou lhe dizer com a minha experiência de profissional de Educação Física que trabalha dentro de escola. Porque assim, é a minha realidade. Eu tenho carga horária prá trabalhar com a Educação Física Escolar. Eu não tenho carga horária prá trabalhar uma modalidade esportiva, não tenho. Se eu for trabalhar modalidade esportiva, eu vou excluir uma quantidade de alunos que não querem fazer atividades esportivas. Eles preferem fazer outros tipos de atividade: "Ah, tia, eu não gosto de futebol, eu não gosto de basquete". Então assim, eu acho que, talvez, se existisse - eu tô falando do meu estado, tá? - uma política que inserisse, obrigatoriamente, dentro do currículo escolar, uma quantidade X de hora/aula para as modalidades esportivas e aí cada professor... É... Eu acho que isso já seria um começo, porque as meninas, elas iam ter um contato... O primeiro contato tá ali ainda na escola, né? Hoje o primeiro contato é muitas vezes na rua. Mas assim, de dentro mesmo da escola, onde você poderia iniciar aquela criança de uma forma correta, isso já não existe mais. Cê vai ter nas escolas particulares, mas se a gente considerar que a grande maioria da população estuda em escola pública... Então assim, acaba que esse tempo de iniciação ideal, quando os meninos ainda estão saindo da fase da infância prá início da adolescência, acaba que isso se perde. E

hoje, eu digo pelos meus alunos, hoje eles não querem fazer atividade física é nenhuma. Nem mais a história do rola bola faz mais sucesso, apesar de que eu não gosto disso não. Mas assim, não faz mais tanto sucesso. Quando você vai olhar, tá ali tudo com o celular, ouvindo música... Aí tem só os meninos jogando bola, porque as meninas não querem saber é de nada. Então, em relação aos atletas, eu acho que tinha que ter um incentivo maior na iniciação. E em relação aos treinadores... É... Eu... Geralmente acontece isso, foi atleta e quando cresce faz faculdade prá ser treinadora. Aqui nós temos pouquíssimas treinadoras, sabe, talvez por conta disso, pelo desinteresse nas modalidades esportivas, aí acaba que perde o interesse também de querer continuar na profissão. E em relação à arbitragem... É porque eu acho que uma coisa vai puxando a outra, sabe Dôra... Assim, geralmente acontece de você: "Ah! Eu fui atleta, aí eu quero ser professora, aí eu sou professora e eu me interesso em ser árbitra... Agora eu quero ser árbitra!" Ou porque começa ali: "Eu vou fazer o curso aqui, porque eu sou professora... E..."

M.L. – Saber regra...

P.M. – É. "Me atualizar das regras..." E quando você percebe, você já tá apitando direitinho na escola e... "Por que não?" Aí vai prá Federação... Mas eu acho que é uma sequência que tem que ser incentiva lá no começo, lá na base, isso em todas as modalidades esportivas. Cê vê hoje a gente tem um voleibol fortíssimo, porque há alguns anos atrás, eles fizeram um mega projeto de iniciação. E aí hoje... Quantos anos faz que as nossas seleções estão disparadas lá no topo? E hoje a gente vê... Futebol feminino, a quantidade de atletas que a gente tem que são massa, né, cara? Tem muita menina que joga bola bem, aí quando vai prá Copa do Mundo, você percebe que essas meninas jogam bem, mas falta alguma coisa, falta... E quando você vai olhar, que você vai saber da realidade delas, como é que elas fazem prá viver, prá treinar... É muito complicado.

M.L. – Patrícia, quais são os pontos positivos e quais são os pontos negativos em ser árbitra de futsal?

P.M. – Ah, os pontos positivos... Assim, o que mais me deixa feliz são as amigas que eu construí ao longo desses anos. É eu tá ali na quadra e eu poder sentir a emoção dos atletas que tão ali correndo, independentemente de ser homem ou ser mulher, a vontade que eles

colocam... Eu gosto de tá ali e sentir essa vibração, essa emoção... Prá mim isso influencia muito, sabe? Quando eu vejo ali o compromisso deles na quadra, fica direto martelando na minha cabeça: "Você tem que ser profissional, porque olha o quanto esse povo tá se esforçando!" Por incrível que pareça, passa isso na minha cabeça. E aí eu fico muito chateada quando eu erro. Assim, *positivo mesmo*, é a minha paixão pelo esporte, de tá ali pertinho na quadra, vivendo aquele clima todo... e as amizades. E os negativos, rapaz, eu acho que é a desvalorização, a falta de reconhecimento de como as mulheres já cresceram, de como já melhorou a qualidade da arbitragem feminina, de como, *muitas vezes*, nós somos melhores do que os homens em tudo. Eu acho que falta esse reconhecimento, falta o incentivo... É... O negativo é basicamente isso: a falta de reconhecimento do trabalho que nós mulheres desenvolvemos.

M.L. – Patrícia, dentre tantas coisas que nós falamos ao longo desse tempo, existe algo que a gente não tenha comentado e que você queira externar, que acha que é necessário ser dito, ser referendado?

P.M. – Não. Eu acho que a entrevista foi bem completa. Acho até que já falei demais [risos]! Mas eu... Eu assim, só encerrando, Dôra, eu sou uma pessoa muito feliz, sabe? O esporte, ele faz parte da minha vida e vai fazer enquanto eu for viva. Eu... Realmente, muito de mim, muito do que eu construí, eu sou muito grata ao esporte como um todo, em especial ao futsal, porque eu entrei no futsal já na minha vida adulta e assim, eu tenho pessoas maravilhosas na minha vida, sabe, já vivi momentos maravilhosos com pessoas por conta da arbitragem do futsal e isso prá mim não tem preço. Eu não tenho dúvida nenhuma que o melhor lugar que se tem hoje prá o adolescente, prá o jovem e até prá o adulto estar, é praticando uma modalidade esportiva; seja ela qual for, sabe? Se for feita de forma saudável, sem dúvida nenhuma ela vai trazer os benefícios. Eu sou a prova de que o esporte muda a vida das pessoas. Não que eu tenha tido na minha vida, na minha infância, uma família desorganizada. Nada disso. Muito pelo contrário, a minha família sempre foi muito presente, muito organizada, os meus pais sempre me apoiaram e isso também faz toda a diferença, né? Eu, graças a Deus, sempre tive a minha saúde emocional muito perfeita e eu não tenho dúvida nenhuma que o esporte me ajudou demais a ser a pessoa que eu sou hoje. Uma pessoa muito de boa, que consegue se relacionar bem com qualquer pessoa, que consegue aceitar as diferenças... Sem dúvida nenhuma, eu pude aprender isso

com o esporte. E a arbitragem na minha vida, ela veio - não que eu fosse uma pessoa indisciplinada – mas de certa forma também, prá me disciplinar a aprender a respeitar os limites e a tentar fazer com que as coisas funcionem de uma forma justa e imparcial. Você tem que ser justo e imparcial. O que é prá um, é pro outro e acabou. E, às vezes, a gente tende a querer alisar um e meter a chibata no outro, né? Mas não é assim... Eu acabei trazendo isso prá minha vida, prá minha sala de aula, de resolver os conflitos sempre da melhor forma. E muitas coisas do que eu vivo hoje, eu agradeço ao esporte e a arbitragem, que já entrou na minha vida quando eu tinha dezenove anos.

M.L. – Agradeço imensamente o teu relato. Foi muito rico e muito prazeroso bater esse papo contigo. Acho que rememorar momentos é muito bom, é muito saudável... Dizer que estou muito feliz em ter te colocado na pesquisa, como colaboradora, e que suas contribuições foram muito relevantes prá pesquisa. Muito obrigada por tudo, viu?

P.M. – Eu que agradeço e desejo sucesso prá você nessa pesquisa e assim, dizer que seria ótimo que mais pesquisas como essa fossem desenvolvidas ao longo do Brasil. A gente tem um país tão extenso, né? É tanta mulher que apita e que a gente não sabe, né? Então é isso, muito obrigada a você.

[FINAL DA ENTREVISTA]